

Brasil & Colômbia

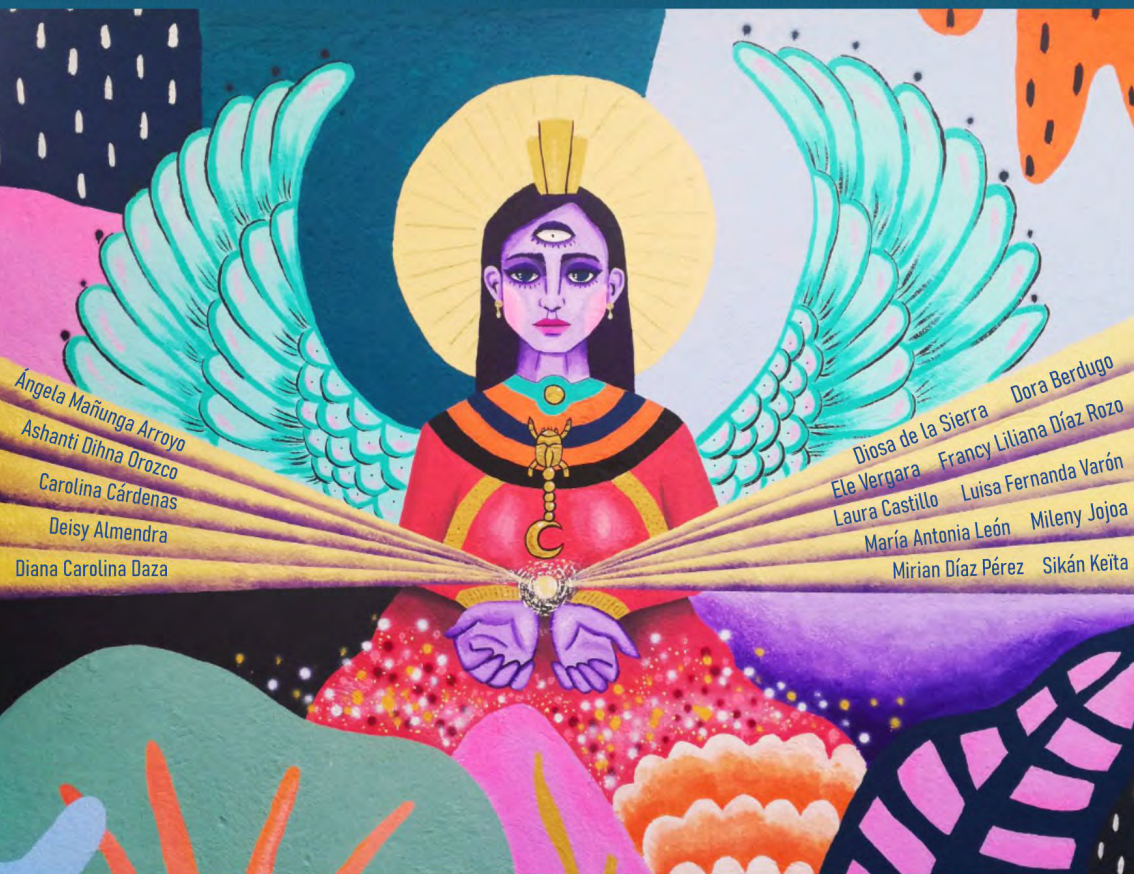
Coletânea bilíngue de poemas de poetisas contemporâneas

Brasil & Colombia

Colección bilingüe de poemas de poetisas contemporâneas

ORGS. Christina Ramalho e/ç
Francy Liliana Díaz Rozo

Tradução/Traducción: **Christina Ramalho** | Ilustrações/Ilustraciones: **Camila Matilda González, @matildas.art**



I

Colômbia
Colombia



Criação Editora

E1 Dorado

Brasil & Colômbia

Coletânea bilingue de poemas
de poetisas contemporâneas

Volume 1 – Colômbia

Brasil & Colombia

Colección bilingüe de poemas
de poetisas contemporâneas

Volumen 1 – Colombia

Organização/Organización

Christina Ramalho e/y Francy Liliana Díaz Rozo

Tradução/Traducción

Christina Ramalho

Ilustrações/Ilustraciones

Camila Matilda González, @matildas.art



Criação Editora
Aracaju | 2023

Copyright © 2023, by Ilustrações da artista colombiana
residente em Barcelona Camila Matilda González @matildas.arte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

R166b	<p>Ramalho, Christina; Díaz Rozo, Francly Liliana (org.). Brasil & Colômbia: Coletânea bilíngue de poemas de poetisas contemporâneas – Volume 1 – Colômbia / Organizadoras: Christina Ramalho e Francly Liliana Díaz Rozo; Diversas autoras; Ilustrações de Camila Matilda González. – 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora, 2023. 184p. il. Ebook: pdf ISBN: 978-85-8413-356-7</p> <p>1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Colombiana. 3. Poesia. I. Título. II. Assunto. III. Autoras. IV. Organizadoras.</p> <p>CDD 869.91860 CDU 82-1(81-861)</p>
-------	---

ARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura brasileira: Poesia / Prosa; Literatura em espanhol da Colômbia.
2. Literatura: Poesia (Brasil-Colômbia).



Poetas brasileiras
Poetas brasileñas
Volume 2/Volumen 2

Danielle Magalhães
Dheyne de Souza
elimacuxi
Elisa Buzzo
Germana Zanettini
Iara Maria Carvalho
Ingrid Morandian
Izabel Nascimento
Jennifer Trajano
Lilian Almeida
Michelle C. Buss
Paola Schroeder
Priscila Branco
Renata de Castro
Rosidelma Fraga
Sony Ferseck
Thainá Carvalho
Taylane Cruz

Poetas colombianas
Poetas colombianas
Volume 1/Volumen 1

Ángela Mañunga Arroyo
Ashanti Dihna Orozco
Carolina Cárdenas
Deisy Almendra
Diana Carolina Daza
Diosa de la Sierra
Dora Berdugo
Ele Vergara
Francy Liliana Díaz Rozo
Laura Castillo
Luisa Fernanda Varón
María Antonia León
Mileny Jojoa
Mirian Díaz Pérez
Sikán Keita



APRESENTAÇÃO

Poetas mulheres. De diferentes regiões e identidades étnicas e culturais do Brasil e da Colômbia. Algumas no início de sua trajetória lírica. Outras, com uma história já de muitos caminhos. Com temas variados e rico repertório linguístico, seus poemas nos permitem penetrar na diversidade presente nos dois países e, principalmente, no coração de questões ligadas à inserção das mulheres no espaço, no tempo e na história.

Foi com o objetivo de dar visibilidade a múltiplas vozes de poetisas colombianas e brasileiras, reunidas pela força da resistência às injunções patriarcais e a preconceitos de qualquer natureza, que unimos forças e nos dispusemos a estreitar os laços entre Brasil e Colômbia, nomeando esses laços e imagens com os sonhos que a palavra pode construir.

Neste primeiro volume, trazemos poemas de Ángela Mañunga Arroyo, Ashanti Dihna Orozco, Carolina Cárdenas, Deisy Almendra, Diana Carolina Daza, Diosa de la Sierra, Dora Berdugo, Ele Vergara, Francly Liliana Díaz Rozo, Laura Castillo, Luisa Fernanda Varón, María Antonia León, Mileny Jojoa, Mirian Díaz Pérez e Sikán Keita, que, conforme se verá, dão à Colômbia um contorno carregado de simbo-

logias, de afirmação identitária e de abordagens críticas a questões de gênero e a questões sociais como um todo. Por meio dos 45 poemas aqui presentes de forma bilíngue, certamente, um país se desenhará quase de forma inédita para leitores e leitoras brasileiros/as, se considerarmos a triste realidade do isolamento cultural de um Brasil muitas vezes pouco interessado em saber mais sobre seu próprio continente.

No entanto, maior que esse registro triste é a alegria do encontro coletivo e a possibilidade de serem, em coro, a voz de poetisas afrodescendentes “traçando a América com o coração” (Ángela Mañunga Arroyo). União necessária, porque “Quando choramos/chovem em nós as torrentes dos olhos em rumor de espumas” (Ashanti Dinah Orozco) e também porque cada uma de nós sabe que, numa sociedade patriarcal e preconceituosa, a mulher se torna a “simples tripulante que ninguém quer ver” (Carolina Cárdenas).

Neste canto coral, mulheres não se permitem estar “encerradas em bolhas de medo” (Deisy Almendra). Ao contrário, como “Fidelina”, um nome/escrito com suor nas árvores (Diana Carolina Daza), trabalham o ser e o sentir, sabendo que a poesia, metaforicamente, “toma uma agulha para tecer um pensamento” e também “empunha uma enxada para lavrar a terra” (Diosa De La Sierra).

“Com a paz de quem/não tem culpas” (Dora Berdugo), as poetisas aqui presentes souberam ouvir as “Mestras que usam coroas de pano” e “ensinam sobre o peso da não-história” (Ele Vergara) para afirmar o individual que, no encontro, se faz plural: “sou todas elas para ser quem sou, para me moldar, para me definir” (Francy Liliana Díaz Rozo).

Poetisas colombianas que sabem ser como a tecelã, para quem “Tecer é sua forma de nomear/a ausência de raízes/ na ponta dos dedos” (Laura Castillo), e que aprenderam que “o pressentimento” “ganha pavio”/ para queimar bem o incenso” (Luisa Fernanda Varón).

Por essa união, “aquele verso encerrado/na concha virgem” (María Antonia León) se liberta e canta as vozes de poetas “De onde emanam as flores e cantam os vaga-lumes” (Mileny Jojoa) “na saia colorida e no carnaval sem fim” (Mirian Díaz Pérez). Versos através dos quais “ressurgirão sacerdotisas antigas” (Sikán Keïta) para bordar uma Colômbia viva em sua diversidade.

Cabem, ainda algumas palavras sobre as imagens que ilustram esta edição. Sua autora, Camila Matilda González, é artista colombiana, radicada em Barcelona, Espanha, que, generosamente, nos cedeu algumas criações suas para ilustrar esta obra. No final do e-book apresentamos mais informações e os links para acesso a imagens de outras obras suas.

Na capa, temos “Selva Sagrada”, que originalmente era um mural. A imagem representa um anjo protetor, que tem um besouro egípcio no peito e dele sai uma lua, com aparência de escorpião, trazendo o sentido de transformação. À transformação também se relaciona a imagem da bruxa da vida e da morte que ilustra esta seção.

Abrindo, por sua vez, as seções individuais, temos “A Lua”, em que uma mulher está sentada em uma lua crescente. A criação é uma referência ao fato de ser a lua quem rege os períodos menstruais das mulheres. Por isso, ela segura uma xícara... Mas a própria imagem também traz a recordação de que a lua, poderosa, afeta as marés e os ciclos das plantas.

Tecemos, a partir do nosso umbigo como centro e fio, esta mochila que reúne nossa palavra, pensamento, ser, sentir, fazer, nossa força milenar diversa, aguda, profunda, mística e, por que não, brincalhona, enchendo o vazio do fundo do tecido, como a própria vida. Somos estas aqui nomeadas, mas também as não nomeadas na história, as negadas, as encurraladas no fundo de

qualquer espaço, somos as que hão de vir, as que voltarão a fechar os olhos para a injustiça. Este tecido de palavras não pretende iluminar ninguém, mas está seguro de sua luz e de sua sombra. Que seja, para quem lê estas linhas, uma aproximação com a magia que nos habita e também com sua sombra, sua música e seu ruído. Que não sejamos mais países separados por fronteiras, mas unidos pela poesia. Por isso, aqui, “abrimos a brecha/ o caminho para uma vida melhor” (Luisa Fernanda Varón).

Concluimos com nossos agradecimentos a todas as poetisas colombianas, à Camila Matilda González, às poetisas brasileiras que estarão no segundo volume, à Criação Editora por dar selo e identidade a esta produção e a vocês, leitores e leitoras, por se unirem a nós no exercício maravilhoso de ler para escrever as próprias palavras! E, claro, deixamos o convite para que, em breve, voltem a acompanhar este projeto coletivo, recebendo o segundo volume de *Brasil & Colômbia*, que trará, também em edição bilíngue, os poemas de Danielle Magalhães, Dheyne de Souza, elimacuxi, Elisa Buzzo, Germana Zanettini, Iara Maria Carvalho, Ingrid Morandian, Izabel Nascimento, Jennifer Trajano, Lilian Almeida, Michelle C. Buss, Paola Schroeder, Priscila Branco, Renata de Castro, Rosidelma Fraga, Sony Ferseck, Thainá Carvalho e Taylane Cruz.

Christina Ramalho
Francy Liliana Díaz Rozo



PRESENTACIÓN

Mujeres poetas de diferentes regiones e identidades étnicas y culturales de Brasil y Colombia. Algunas al inicio de su trayectoria lírica. Otras, con una historia ya de muchos caminos. Con variada temática y un rico repertorio lingüístico, sus poemas nos permiten penetrar en la diversidad presente en ambos países y, principalmente, en el corazón de cuestiones relacionadas con la inserción de la mujer en el espacio, el tiempo y la historia.

Fue con el objetivo de dar visibilidad a las múltiples voces de las poetas colombianas y brasileñas, unidas por la fuerza de la resistencia a los mandatos patriarcales y prejuicios de cualquier índole, que unimos fuerzas y estuvimos dispuestas a estrechar los lazos entre Brasil y Colombia, nombrando estos vínculos e imágenes con los sueños que la palabra puede construir.

En este primer volumen traemos poemas de Ángela Mañunga Arroyo, Ashanti Dihna Orozco, Carolina Cárdenas, Deisy Almendra, Diana Carolina Daza, Diosa de la Sierra, Dora Berdugo, Ele Vergara, Francyliliana Díaz Rozo, Laura Castillo, Luisa Fernanda Varón, María Antonia León, Mileny Jojoa, Mirian Díaz Pérez y Sikán Keïta,

quienes, como se verá, le dan a Colombia un trazo cargado de simbolismo, afirmación identitaria y enfoques críticos de la problemática de género y de la problemática social en su conjunto. A través de los 45 poemas presentados aquí en forma bilingüe, se diseñará ciertamente un país de una manera casi inédita para los lectores brasileños, si consideramos la triste realidad del aislamiento cultural de un Brasil que a menudo no está muy interesado en saber más sobre su propio continente.

Sin embargo, mayor que este triste registro es la alegría del encuentro colectivo y la posibilidad de ser, a coro, la voz de los poetas afrodescendientes "trenzando a Amefrica desde el corazón" (Ángela Mañunga Arroyo). Unión necesaria, porque "Cuando lloramos/nos llueven los raudales de los ojos en rumor de espumas" (Ashanti Dinah Orozco) y también porque cada uno de nosotros sabe que, en una sociedad patriarcal y prejuiciosa, la mujer se convierte en la "simple tripulante que nadie quiere ver" (Carolina Cárdenas).

En este canto coral, las mujeres no se dejan encerrar "en burbujas de miedo" (Deisy Almendra). Por el contrario, como "Fidelina", "un nombre/escrito con sudor en los árboles" (Diana Carolina Daza), trabajan con el ser y el sentir, sabiendo que la poesía, metafóricamente, "toma una aguja para tejer un pensamiento" y también "se empuña un azadón para labrar la tierra" (Diosa De La Sierra).

"Con la paz de quien/no tiene culpas" (Dora Berdugo), las poetas aquí presentes supieron escuchar a los "Maestras que llevan coronas de tela" y "enseñan sobre el peso de la no-historia" (Ele Vergara) a afirmar el individuo que, en el encuentro, se vuelve plural: "soy todas ellas para ser quien soy, para darme forma, para definirme" (Francy Liliana Díaz Rozo).

Poetas colombianas que saben ser como una tejedora, para quien “Tejer es su manera de nombrar/la ausencia de arraigo/en la punta de los dedos” (Laura Castillo), y que aprendió que “la corazonada” “gana pabilo”/ para quemar el incienso bien” (María Antonia León).

A través de esta unión, “y aquel verso cerrado/ en la concha virgen” (María Antonia León) se libera y canta las voces de los poetas “De donde emanan las flores y cantan las luciérnagas” (Mileny Jojoa) “en la pollera colorá y en el interminable carnaval” (Mirian Díaz Pérez). Versos a través de los cuales “resurgirán sacerdotisas antiguas” (Sikán Keita) para bordar una Colombia viva en su diversidad.

Se imponen unas pocas palabras más sobre las imágenes que ilustran esta edición. Su autora, Camila Matilda González, es una artista colombiana, radicada en Barcelona, España, quien generosamente nos brindó algunas de sus creaciones para ilustrar este trabajo. Al final del libro electrónico presentamos más informaciones y enlaces para acceder a imágenes de otros trabajos suyos.

En la portada tenemos “Selva Sagrada”, que originalmente era un mural. La imagen representa a un ángel protector, que tiene un escarabajo egipcio en el pecho y de él sale una luna, con apariencia de escorpión, trayendo la sensación de transformación. La transformación también está relacionada con la imagen de la bruja de la vida y la muerte que ilustra este apartado.

Abriendo las secciones individuales a su vez está “La Luna”, en la que una mujer está sentada en una luna creciente. La creación es una referencia al hecho de que la luna gobierna los períodos menstruales de las mujeres. Por eso sostiene una copa... Pero la imagen misma también nos recuerda que la poderosa Luna afecta las mareas y los ciclos de las plantas.

Hemos tejido desde nuestro ombligo como centro y hebra esta mochila que junta nuestra palabra, pensamiento, ser, sentir, hacer; nuestra fuerza milenaria diversa, aguda, profunda, mística y, por qué no, juguetona llenando el vacío del fondo del tejido, como la vida misma. Somos estas aquí nombradas, pero también las no nombradas en la historia, las negadas, la arrinconadas en el fondo de cualquier espacio; somos las que han de venir, las que no volverán a cerrar los ojos ante la injusticia. Este tejido de palabra no pretende iluminar a nadie pero está seguro de su luz y su sombra. Sea para quien lea estas líneas una aproximación a la magia que nos habita con su tiniebla también, con su música y su ruido. Que ya no seamos más países separados por fronteras si nos juntamos en la poesía. Por eso, “abrimos la brecha/el sendero a una vida mejor” (Luisa Fernanda Varón).

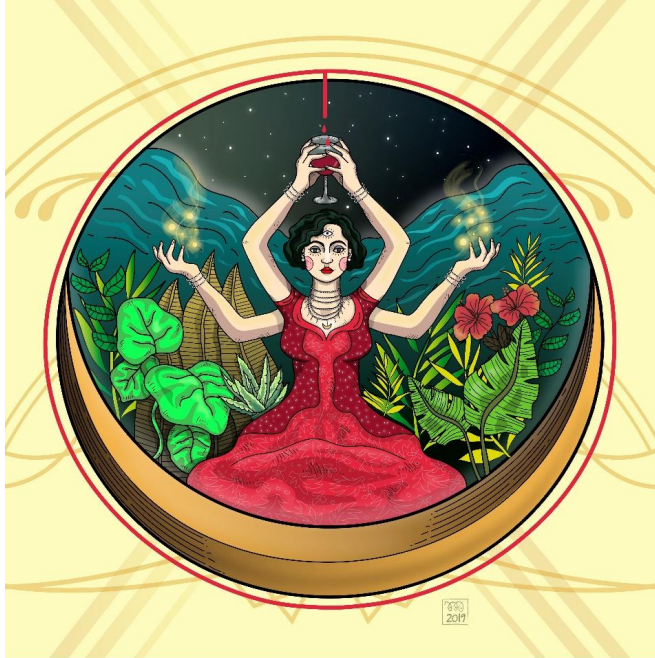
Concluimos con nuestro agradecimiento a todas las poetas colombianas, a Camila Matilda González, a las poetas brasileñas que estarán en el segundo volumen, a la Criação Editora por darle sello e identidad a esta producción y a ustedes, lectores/as, ¡por acompañarnos en la maravilloso ejercicio de leer para escribir las propias palabras! Y, por supuesto, los/as invitamos a seguir próximamente este proyecto colectivo, recibiendo el segundo volumen de *Brasil & Colombia*, que traerá, también en edición bilingüe, los poemas de Danielle Magalhães, Dheyne de Souza, elimacuxi, Elisa Buzzo, Germana Zanettini, Iara Maria Carvalho, Ingrid Morandian, Izabel Nascimento, Jennifer Trajano, Lilian Almeida, Michelle C. Buss, Paola Schroeder, Priscila Branco, Renata de Castro, Rosidelma Fraga, Sony Ferseck, Thainá Carvalho e Taylane Cruz.

Christina Ramalho
Francy Liliana Díaz Rozo



Índice

Apresentação	7
Presentación	11
Ángela Mañunga Arroyo	17
Ashanti Dinah Orozco	27
Carolina Cárdenas	37
Deisy Almendra	47
Diana Carolina Daza	57
Diosa de la Sierra	67
DorA Berdugo	77
Ele Vergara	87
Francy Liliana Díaz Rozo	97
Laura Castillo	17
Luisa Fernanda Varón	117
María Antonia León	129
Mileny Jojoa	139
Mirian Díaz Pérez	149
Sikán Keïta	161
Sobre Camila Matilda González	178
Sobre Christina Ramalho	180



Ángela Mañunga Arroyo

ÁNGELA MAÑUNGA ARROYO

Massacre

*Dedicado a
Juan Manuel Montano
Jair Andrés Cortes
Jean Paul Perlaza
Leider Cárdenas
Álvaro José Caicedo*

Guarde o canavial sonhos sangrentos,
viajamos desde muito longe
para morrer em outra margem.
Reinam em nossa casa,
dor, fome, humilhação.
Marionete decomposta nos governa em apatia.
Territórios desterrados,
corpos massacrados,
Oyá sussurra em minha porta uma raiva contida.
Uwa yaaye umama!
Inocências sob a terra,
vive meu peito uma ferida.
Orvalho da memória, rio de sal de recordações,
Do oriente rebeldia
Do oriente dignidade
Oriente nos diz basta
O povo negro respira
lágrimas do ventre à alma

Masacre

*Dedicado a
Juan Manuel Montaña
Jair Andrés Cortes
Jean Paul Perlaza
Leider Cárdenas
Álvaro José Caicedo*

Guarda el cañaduzal sueños ensangrentados,
viajamos desde muy lejos,
a morir en otra orilla.
Reinan en nuestra casa,
dolor, hambre, humillación.
Descompuesta marioneta, nos gobierna en apatía.
Territorios desterrados,
cuerpos masacrados,
Oyá susurra a mi puerta una rabia contenida.
¡Uwa, yaaye, umama!
Inocencias bajo tierra,
vive en mi pecho una herida.
Rocío de la memoria, río de sal de recuerdos,
Desde oriente rebeldía
Desde oriente dignidad
Oriente nos dice basta
El pueblo negro respira
lágrimas del vientre al alma

A quatro mãos

A quatro mãos se escreve a história dos dias vermelhos.

A quatro mãos e incontáveis passos,

vão por aí tecendo recordações,

libertando povos,

apaixonando luas,

parindo estrelas

A quatro mãos,

a seis, a oito.

Mãos que se juntam equilibrando o dia,

atentas aos passos do tirano

prontas para contra-atacar.

A tantas mãos que não é possível temer,

com tantas letras que não é possível calar,

a história viva dos que lutaram,

dos que viveram,

dos que partiram.

Da lenda que se fez memória,

o regresso antes do tempo,

o sangue que brota rebeldia,

o pranto que caminha,

a loucura que nasce, que cresce, que contagia.

A história da euforia e do valor,

da esperança e do prazer,

do fim da barbárie,

da alegria,

dos frutos da terra,

dos povos!

da liberdade!

A cuatro manos

A cuatro manos se escribe la historia de los días rojos.

A cuatro manos e incontables pasos,

van por ahí tejiendo recuerdos,

libertando pueblos,

enamorando lunas,

pariendo estrellas.

A cuatro manos,

a seis, a ocho.

Manos que se juntan equilibrando el día,

atentas a los pasos del tirano

listas para contraatacar.

A tantas manos que no es posible temer,

con tantas letras que no es posible callar,

la historia viva de quienes lucharon,

de quienes vivieron,

de quienes partieron.

De la leyenda que se hizo memoria,

el regreso antes de tiempo,

la sangre que brota rebeldía,

el llanto que camina,

la necesidad que nace, que crece, que contagia.

La historia de la euforia y el valor,

de la esperanza y el placer,

del fin de la barbarie,

de la alegría,

de los frutos de la tierra,

de los pueblos!

¡de la libertad!

Vamos

Não posso fazê-los voltar.

Nem eu, nem o canto desesperado de minha mátria,
nem o grito de indignação do meu povo,
nem o eco de passos nas ruas.

A luta escolheram,
e lhes foi negada a vida,
a palavra andavam,
e lhes privaram do caminho.

Se alçou o tirano com sua covardia,
exalou extermínio em plena luz,
cuspiu veneno em nossos tecidos,
fedor destilou sobre o calendário,
dispersou morte e confusão.

Vamos com feridas
vamos fermento de lágrimas e indignação.

Vamos.

Com a LOUCURA em maiúsculas,
vamos porque repica o que semeou,
a marcha que cessou com violência,
antes do tempo de se pôr o sol.

Vamos nascendo povo,
crescendo casa,
trançando a Améfrica com o coração.

Vamos

No puedo hacer que vuelvan.

Ni yo, ni el canto desesperado de mi patria,

ni el grito de indignación de mi pueblo,

ni el eco de los pasos en las calles.

La lucha escogieron,

y les fue negada la vida,

la palabra andaban,

y les privaron del camino.

Se alzó el tirano con su cobardía,

exhaló exterminio a plena luz,

escupió veneno en nuestros tejidos,

hedor destiló sobre el calendario,

dispersó muerte y confusión.

Vamos con heridas,

vamos fermento de lágrimas e indignación.

Vamos.

Con la NECEDAD en mayúsculas,

vamos porque repica lo que sembró,

la marcha que cesó con violencia,

antes del tiempo de ponerse el sol.

Vamos naciendo pueblo,

creciendo casa,

trenzando a Amefrica desde el corazón.



Ángela Mañunga Arroyo é mulher negra, nascida no leste de Cali. Suas primeiras letras versavam sobre a lua e os tempos turbulentos que a infância tenta adivinhar, letra por letra tomaram a forma de suas experiências como mulher negra e suas apostas por uma sociedade mais justa e igualitária. Educanda e educadora, pesquisadora, ativista e defensora dos direitos da população negra, mulheres e territórios. Obteve o título de Assistente Social na Universidad del Valle. É Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão. Seus escritos também são espelho de uma caminhada coletiva, atualmente faz parte do Grupo de Pesquisa *Interseccionalidades* da Casa Cultural *El Chontaduro* e do *Laboratorio de Escritura Poética Cimarroneando el Verbo*.



Ángela Mañunga Arroyo es mujer negra, nacida en el oriente de Cali. Sus primeras letras versaban sobre la luna y los tiempos convulsos que la infancia intenta adivinar, letra a letra tomaron la forma de sus experiencias como mujer negra y sus apuestas por una sociedad más justa y equitativa. Educanda y educadora, investigadora, activista y defensora de los derechos de la población negra, las mujeres y los territorios. Obtuvo el título de Trabajadora Social, en la Universidad del Valle. Cuenta con una Maestría en Políticas Públicas de la Universidad Federal de Maranhão. Sus escritos son también espejo de un caminar colectivo, actualmente hace parte del Grupo de Investigación Interseccionalidades de la Casa Cultural El Chontaduro y del Laboratorio de Escritura Poética Cimarroneando el Verbo.



Ashanti Dihna Orozco

ASHANTI DINAH OROZCO

Tataranetos do muntú

Você me dirá, Ekobio:

O que se aninha no recinto de nosso sangue?
Será um bumerangue que retorna ao sonho?
Uma semente plantada no útero de nossas mães?
Talvez uma ferida rastejando no riso dos pássaros?
Serão salgueiros onde os ninhos elevam um concerto ao infinito?

Diga-me, você, Ekobio:

Por que aos tataranetos do Muntú nos embriagam as mãos de percussionistas invisíveis?
Por que nos quebra no pulso um clamor?
De onde nos surge esse dialeto que enfeitiça a morte?
Este clamor sempre claro-escuro na raiz do passado?
De onde descende esse sopro de palavras?

Tataranietos del muntú

Tú me dirás, Ekobio:

- ¿Qué anida en el recinto de nuestra sangre?
- ¿Será un boomerang que retorna al sueño?
- ¿Una semilla sembrada en el útero de nuestras madres?
- ¿Quizá una herida reptando en la risa de los pájaros?
- ¿Serán sauces donde los nidos levantan un concierto al infinito?

Dime, tú, Ekobio:

- ¿Por qué a los tataranietos del Muntú se nos embriagan las manos de tamboreros invisibles?
- ¿Por qué se nos quiebra en el pulso un pregón?
- ¿De dónde nos surge este dialecto que hechiza la muerte?
- ¿Este clamor siempre claroscuro en la raíz del pasado?
- ¿De dónde desciende este soplo de palabras?

O rio Níger conta sua viagem

Somos seres de água.

Em uma gota minha está contido o nascimento.

Daí surgiu a primeira manhã da criação:

a pedra, o fogo, o ar, o sangue, a saliva, os ossos.

Tudo nasce e se fecunda nas águas de minhas águas.

Na aldeia distante dos começos,

quando o universo estava escuro,

e não havia sol que subisse no horizonte

nascemos,

parindo-nos na caudalosa costa dos mares.

Somos o início feminino do parto

sobre a vasilha sagrada.

Nos sustenta uma infinidade de pó aquático

que empurra secreções nas veias.

Quando choramos

chovem em nós as torrentes dos olhos em rumor de espumas.

E como a lua escarlate,

as mulheres menstruam cada ciclo da existência.

El río Níger cuenta su viaje

Somos seres de agua.

En una gota mía está contenido el nacimiento.

De ahí surgió la primera mañana de la creación:

la piedra, el fuego, el aire, la sangre, la saliva, los huesos.

Todo nace y se fecunda en las aguas de mis aguas.

En la aldea lejana de los comienzos,

cuando el universo estaba oscuro,

y no había sol que remontara al horizonte

nacimos,

pariéndonos en la caudalosa ribera de los mares.

Somos el inicio femenino del parto

sobre la vasija sagrada.

Nos sostiene una infinidad de polvo acuático

que puja secreciones en las venas.

Cuando lloramos,

nos llueven los raudales de los ojos en rumor de espumas.

Y como la luna escarlata,

las mujeres menstrúan cada ciclo de la existencia.

Dualidade do tempo

Dizem que a vida e a morte são mundos contrários,
mas não há separação dentro e fora.
Talvez sejam extratos de um mesmo sangue
ou sinônimos de um mesmo tronco.
Ambos estão aparafusados por um fio;
atrás do rosto de uma, se esconde a outra.
Quando o sino da morte repica,
a vida responde em coro.
São impressões de fronteiras indivisíveis
com coordenadas entre o céu e a terra.
Ambas nos mostram uma flecha, um mapa e um destino.
Talvez um traço circular até a origem,
um sinal preso à cauda de um cometa,
um milagre cotidiano do azul no limiar do céu.
Talvez marquem uma travessia ou uma região de pássaros
que atravessam o solilóquio da água.
Peregrinação de tempo
por nosso corpo.

Dualidad del tiempo

Dicen que la vida y la muerte son mundos contrarios,
mas no hay separación dentro y fuera.

Quizá sean extractos de una misma sangre
o sinónimos de un mismo tronco.

Ambas están atornilladas por un hilo;
detrás del rostro de una, se esconde la otra.

Cuando la campana de la muerte repica,
la vida responde en coro.

Son huellas de fronteras indivisibles
con coordenadas entre el cielo y la tierra.

Ambas nos muestran una flecha, un mapa y un destino.

Quizá un trazo circular hacia el origen,
una señal prendida de la cola de un cometa,
un milagro cotidiano de lo azul en el umbral del cielo.

Acaso marcan un cruce o una región de pájaros
que atraviesan el soliloquio del agua.

Peregrinación de tiempo

por nuestro cuerpo.



Dinah Orozco Herrera (Ashanti) nasceu em Barranquilla (Caribe colombiano). Ativista afro-colombiana, poeta e professora. Licenciada em Educação pela Universidad del Atlántico. Mestre em Literatura Hispano-Americana pelo Instituto Caro y Cuervo. Pertenceu à Organização Angela Davis em Barranquilla e fez parte do *Proyecto Dignificación de las y los afrodescendientes a través de la etnoeducación en Colombia*, convênio AECID-Secretaria de Educação (2009-2010), do qual saiu o livro *Investigando el racismo y la discriminación en la escuela*. Atualmente, ela é bolsista de doutorado do terceiro ano no Departamento de Estudos Africanos e Afro-americanos e Línguas e Literaturas Românicas da Escola de Pós-Graduação em Artes e Ciências (GSAS) da Universidade de Harvard. Recebeu vários prêmios e participou de vários recitais nacionais e internacionais, tendo os seus poemas traduzidos para português, inglês e búlgaro, publicados na Universidade de Manchester, *Latin American Today*, na Antologia de Poesia Colombiana *La Pájara Pinta*, *Antología Latinoamericana Des-patriarcalizando la poesía* Poesia, *Afrofeminas* da Espanha, *Literariedad*, *Revista Otro páramo*, *Afro-Hispanic Review* de EEUU, *Nueva Poesía y Narrativa Hispanoamericana del Siglo XXI*, *Revista Latin American Studies Association* (Lasa Forum), *Revista Arcadia*, etc. Seu livro de poemas *Las semillas del Muntú* (2019) foi publicado pela Escarabajo Editorial e New York Poetry Press



Dinah Orozco Herrera (Ashanti), nació en Barranquilla (Caribe Colombiano). Activista, poeta y docente afrocolombiana. Licenciada en Educación de la Universidad del Atlántico. Magíster en Literatura Hispanoamericana del Instituto Caro y Cuervo. Perteneció a la Organización Angela Davis en Barranquilla e hizo parte del Proyecto Dignificación de las y los afrodescendientes a través de la etnoeducación en Colombia, convenio AECID-Secretaría de Educación (2009-2010), del cual se publicó un libro titulado *Investigando el racismo y la discriminación en la escuela*. Actualmente, es estudiante becada de tercer año de Doctorado en el Departamento de Estudios Africanos y Afroamericanos y Lenguas Romances & Literaturas en la Escuela Graduada de Artes y Ciencias (GSAS) de la Universidad de Harvard. Ha ganado varios premios y participado en diversos Recitales nacionales e internacionales. Sus poemas han sido traducidos al portugués, al inglés y al búlgaro, y han sido publicados en Universidad de Manchester, *Latin American Today*, *Antología de Poesía Colombiana La Pájara Pinta*, *Antología Latinoamericana Despatriarcalizando la poesía*, *Afroféminas de España*, *Literariedad*, *Revista Otro páramo*, *Afro-Hispanic Review* de EEUU, *Nueva Poesía y Narrativa Hispanoamericana del Siglo XXI*, *Revista Latin American Studies Association* (Lasa Forum), *Revista Arcadia*, etc. Su Poemario *Las semillas del Muntú* (2019) fue publicado por Escarabajo Editorial y Nueva York Poetry Press.



Carolina Cárdenas

CAROLINA CÁRDENAS

V

A evocação foi silêncio estendido sobre o palpável

Nessa noite das noites, os humanos esqueceram aquilo que sombreava ou embelezava seu tempo. Nada pesava no subconsciente, tudo havia sido esvaziado. Respirando sem evocar seus nomes e as ruínas que cercaram seus dias, contemplaram o mundo sem que a memória trouxesse as palavras para a costa.

O firmamento se fez silêncio e das paredes da vida as imagens desbotadas eram o único que escorria.

Na eternidade os últimos vestígios da memória agonizavam.

A evocação do homem e da mulher perdeu-se no tempo que sucumbia ao esquecimento do que uma vez foi.

V

La evocación fue silencio extendido sobre lo palpable

En esa noche de las noches los humanos olvidaron aquello que ensombrecía o embellecía su tiempo. Nada pesaba en el subconsciente, todo había sido vaciado. Respirando sin evocar sus nombres y las ruinas que circundaron sus días, contemplaron el mundo sin que la memoria trajera las palabras a la costa.

El firmamento se volvió silencio y de las paredes de la vida las imágenes desvanecidas eran lo único que escurría.

En la eternidad los últimos vestigios de la memoria agonizaban.

La evocación del hombre y la mujer se perdió en el tiempo que sucumbía en el olvido de lo que una vez fue.

XXX

Ninguém pensava nelas, eram deuses esquecidos

No firmamento da Terra, as rochas contaram a história da vida. Eram uns gigantes que, conversando em solidão com os astros, aparentavam ser deuses adormecidos. Ao escutar as epifanias que viajavam entre as correntes do devir, eram pássaros aterrorizados. Habitantes dos destroços se refugiaram nas pegadas que os cobriam, em murmúrios navegantes desde um tempo já esquecido. Os pedregulhos, vozes que o nada não escutou, vestígios afundados em uma profundidade só conhecida por mortais.

Uma maré do nada, do não tempo, desabou sobre as rochas como uma tempestade impronunciável.

XXX

Nadie las pensaba, eran dioses olvidados

En el firmamento de la Tierra las rocas contaron la historia de la vida. Eran unos gigantes que conversando en la soledad con los astros aparentaban ser dioses dormidos. Al escuchar las epifanías que viajaban entre las corrientes del devenir, eran pájaros aterrados. Habitantes de los despojos se refugiaron en las huellas que les cubrían, en murmullos navegantes desde un tiempo ya olvidado. Los pedruscos, voces que la nada no escuchó, vestigios hundidos en una profundidad sólo conocida por mortales.

Una marea de la nada, del no tiempo abatió sobre las rocas como una tormenta impronunciable.

Sou uma órfã

Na volta segue existindo o mesmo inóspito mundo,
um universo de memórias que caem e eclipsam o presente.
Tudo sucumbe sobre mim como uma sombra, todo o mundo
se desmoronando como o grito ferido dos arcanjos.
A cidade, um inegável monstro,
afunda meu ser sob milhares de folhas enegrecidas.
Eu uma simples tripulante que ninguém quer ver,
uma desamparada dessa terra que arremessou meu ser
a um destino impossível.

Soy una huérfana

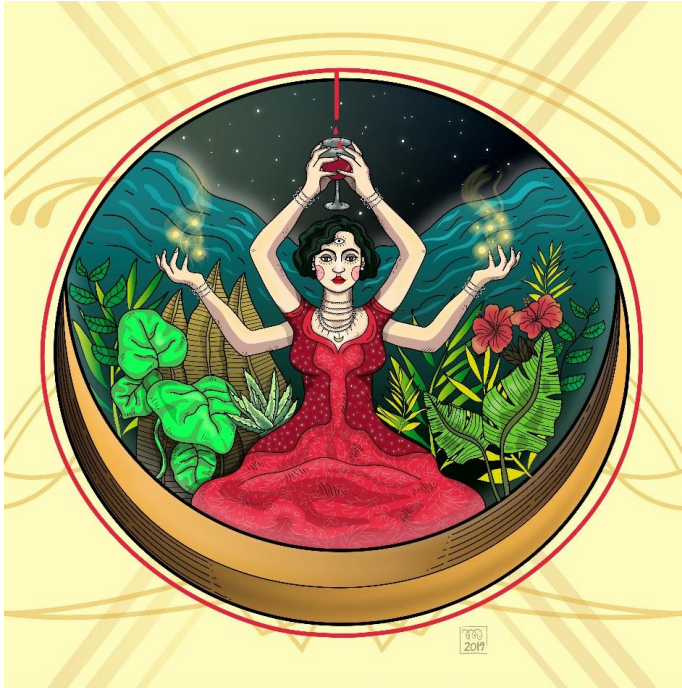
De vuelta sigue existiendo el mismo inhóspito mundo,
un universo de memorias que caen y eclipsan el presente.
Todo sucumbe sobre mí como una sombra, todo el mundo
desplomándose como el grito herido de los arcángeles.
La ciudad, un innegable monstruo,
hunde mi ser bajo millares de hojas ennegrecidas.
Yo una simple tripulante que nadie quiere ver,
una desamparada de esa tierra que arrojó mi ser
a un destino imposible.



Carolina Cárdenas é poeta, escritora e editora colombiana. Professora de oficinas de Criação Literária. Fundou a revista literária *Gavia* da Universidad Distrital (2005), que dirigiu e editou. Finalista do concurso de poesia *Nueve editores* (2021) com a obra *Después de la nada*. Prêmio Internacional de Poesia, *Rostros para autores con un rostro*. Segundo prêmio, com as obras *Ninguna tierra me habita* e *Sin embargo soy* (2018). Ganhou o concurso de contos *Estímulos a la Creación Artística* (Kennedy, 2006) com o livro *Parajes inesperados*. Conquistou o segundo lugar no *II Concurso Nacional de Cuento El Túnel* (2011) com o texto "A la deriva". Finalista do Concurso Nacional de Cuento La Cueva com o texto "Mañana será otro día" (2012). Publicou *Somos naufragos* (2013). Seu trabalho foi contemplado com bolsas, premiado e publicado em revistas, livros em El Salvador, Colômbia, Argentina e Cuba. Colunista do jornal *El Mañana*, do México, e do *Tres mil*, suplemento Cultural de El Salvador. Atualmente é colunista de um blog em *El Tiempo*, jornal da Colômbia, e Diretora Editorial do Portal Cultural *Quira medios*.



Carolina Cárdenas es poeta, escritora y editora colombiana. Docente y tallerista de Creación Literaria. Fundó la revista literaria *Gavia* de la Universidad Distrital (2005), la cual dirigió y editó. Finalista del Concurso de poesía Nueve editores (2021) con la obra *Después de la nada*. Premio Internacional de Poesía, *Rostros para autores con un rostro*. Acésit, con las obras *Ninguna tierra me habita* y *Sin embargo soy* (2018). Ganó el concurso de cuentos Estímulos a la Creación Artística (Kennedy, 2006) con el libro *Parajes inesperados*. Ganó el segundo puesto en el II Concurso Nacional de Cuento El Túnel (2011) con el texto "A la deriva". Finalista en el Concurso Nacional de Cuento La Cueva con el texto "Mañana será otro día" (2012). Publicó *Somos náufragos* (2013). Su obra ha sido becada, premiada y publicada en revistas, libros en el Salvador, Colombia, Argentina y Cuba. Columnista en el Periódico *El Mañana*, en México, y *Tres mil*, suplemento Cultural de El Salvador. Actualmente es columnista de un blog en *El Tiempo*, periódico de Colombia, y Directora editorial del Portal Cultural *Quira medios*.



Deisy Almendra

Injustiça

Os gritos brotam dos corações cheios de temor
cujos ecos viajam com o vento sussurrando
que a injustiça a cada dia se fortalece,
mas estamos encerradas em bolhas de medo
que calam essas vozes dos que gritam mais forte.

Se observam muitos fantoches na cena da vida
seduzidos pela luz que refletem os deuses
luz maquiada com pós de mentiras e
tiranos vestidos de deuses nos povoados,
provocando pandemias e epidemias de guerras e falsidade
motivados pelo egoísmo, pela ambição e pelo autoritarismo.

Com suas palavras simulam nos ajudar em tudo
mas seus feitos são vales de terror e angústias,
nos enredos parecem proteger o menos favorecido
mas no palco quando a escuridão e a solidão os abrigam
são os que permitem chorar sangue.

Eles voam até você como pombas defensoras
batendo suas asas diante dos mais pobres
para buscar e obter o milho de seus interesses,
buscando que o sangue e as lágrimas pousem sobre a mãe terra
e novamente você tenha que gritar injustiça!

Injusticia

Los gritos brotan desde los corazones llenos de temor
cuyos ecos viajan junto al viento susurrando
que la injusticia cada día se fortalece,
pero estamos encerradas en burbujas de miedo
que callan esas voces de los que gritan más fuerte.

Se observa muchos títeres en la escena de la vida
seducidos por la luz que reflejan los dioses
luz maquillada con polvos de mentiras y
tiranos vestidos de dioses en los pueblos,
provocando pandemias y epidemias de guerras y falsedad
incitados por el egoísmo, la ambición y el autoritarismo.

Con sus palabras simulan ayudarnos en todo
Pero sus hechos son valles de terror y angustias,
en los guiones parecen proteger al menos favorecido
pero en escena cuando la oscuridad y la soledad los cobija
son quienes permiten llorar sangre.

Ellos vuelan a ti como palomas defensoras
Revoloteando sus alas ante los más pobres
Para buscar y obtener el maíz de sus intereses,
buscando que la sangre y las lágrimas se posen sobre la madre tierra
y nuevamente tengas que gritar ¡injusticia!

Mulher indígena

De sua boca germinam as madressilvas de esperanças
em seu olhar floresce a mulher guerreira,
em seus braços se tecem os fios de confiança.
Suas mãos como a fluidez das águas
que trabalham para o pão das almas.

Dançando ao som da ópera do seu coração
fia ensinamentos que alimentam a razão,
semeadora de força e valor
planta medicinal em meio à dor.

Formosa lutadora dos campos
adornada com flores de esperanças
formadora de pensamentos descolonizados
construtora de lutas pelos povos marginalizados,
cultivadora de direitos esquecidos em países minorizados.
Mulher indígena, sinônimo de resistência e amor,
semeadora de harmonia em nossas terras e em nosso coração.

Mujer indígena

De tu boca germinan las madre selvas de esperanzas
en tu mirada florece la mujer guerrera,
en tus brazos se teje los hilos de confianza.
Tus manos como la fluidez de las aguas
que trabajan para el pan de las almas.

Danzando al son de la ópera de tu corazón
hilas enseñanzas que alimentan la razón,
sembradora de fuerza y valor
planta medicinal en medio del dolor.

Hermosa luchadora de los campos
adornada con flores de esperanzas
forjadora de pensamientos descolonizados
constructora de luchas ante pueblos marginados,
cultivadora de derechos olvidados en países minorizados.
Mujer indígena, sinónimo de resistencia y amor,
sembradora de armonía en nuestras tierras y en nuestro corazón.

Espírito de sobrevivência

Nos batizaram de barbárie, nos chamaram de desumanos,
aquelas almas carcomidas pela carniça da ignorância,
tentando desenraizar nossos costumes, nossa identidade,
usurpando nossas terras e semeando terror nos solos.

E mesmo com o cíclico despertar do sol e da lua,
vivemos em meio a um país minorizante,
com a justiça de mãos e pés atados
e a injustiça gozando de liberdade.

Lágrimas desenhando o medo nos rostos,
sangue como rios no corpo de nossa mãe terra,
almas forçadas a abandonar seus corpos
nossa sobrevivência no tempo e no espaço não foi de alegrias
e ainda com tudo isso, nossa cosmovisão tem vida,
porque no meio de tantos povos extintos
o fogo nossa resistência cresce a cada dia com mais força,
nossas sílabas ancestrais tecem as chamas da sabedoria,
para manter o espírito de sobrevivência.

Espiritú de pervivencia

Nos bautizaron barbarie, nos llamaron inhumanos,
aquellas almas carcomidas por la carroña de la ignorancia,
intentando desarraigar nuestras costumbres, nuestra identidad,
usurpando nuestras tierras y sembrando terror en los suelos.
Y aún con el cíclico despertar del sol y la luna,
vivimos en medio de un país minorizante,
donde la justicia atada de pies y manos
y la injusticia goza de libertad.

Lágrimas dibujando el miedo en los rostros,
sangre como ríos en el cuerpo de nuestra madre tierra,
almas forzadas a abandonar sus cuerpos
nuestra pervivencia en el tiempo y espacio no ha sido de alegrías
y aún con todo esto, nuestra cosmovisión tiene vida,
porque en medio de tantos pueblos extinguidos
el fogón de nuestra resistencia crece cada día con más fuerza,
nuestras silabas ancestrales, tejen las llamas de la sabiduría,
para mantener el espíritu de la pervivencia.



Deisy Almendra é uma mulher indígena Misak, artesã, amante da arte, fiandeira de palavras, professora da Institución Educativa Misak Mama Manuela, tecedora de memórias pela sobrevivência e resistência dos povos. Seu objetivo é semear sonhos para juntá-los e compartilhá-los durante o suspiro da vida. Os anciãos foram seus principais professores na caminhada de seus dias, assim mesmo parte de sua formação foi alcançada na Universidad de Cauca.



Deisy Almendra es una mujer Indígena Misak, Artesana, amante del arte, hiladora de la palabra, docente de la Institución Educativa Misak Mama Manuela, tejedora de memorias para la pervivencia y resistencia de los pueblos. Su objetivo es sembrar sueños para hilarlos y compartirlos durante el suspiro de la vida. Los mayores han sido sus principales maestros en el caminar de sus días, asimismo parte de su formación lo logró en la Universidad del Cauca.



Diana Carolina Daza

DIANA CAROLINA DAZA

Inventário da infância

Para Jennifer Guzmán Daza

Recolhamos os risos esquecidos no varal
evitemos os morcegos e a missa de domingo
enquanto vemos crescer seus filhos
e buscamos os meus
entre as frutas mordidas pelos pássaros.

Quebre a casa de bonecas
vigie meu primeiro beijo
acendamos o rádio do quiosque
e dancemos até que morram as cigarras.

Soldadinha de chumbo banhada em orquídeas,
irmã minha
se meu nome tropeça na eternidade
antes que o seu
solte estas páginas
e ali estarei,
com a mão estendida
esperando-a na saída da escola
para atravessar o povoado
até chegar a salvo em casa.

Fidelina

Trabalhadora da terra
parteira de bezerros e colheitas de fruta
dama de ferro fundido em néctar de flores
e leite

perfume de erva e lenha.
Carrega no ventre
as feridas dos filhos enfermos
os filhos que não voltaram
os filhos dos filhos que não gerou
mas que vieram à luz em suas mãos.
Você, um nome
escrito com suor nas árvores
é a marca do trabalho da mulher no campo
heroína invisível dos povos.

Fidelina

Obrera de la tierra

partera de becerros y cosechas de fruta

dama de hierro fundido en néctar de flores

y leche

perfume de hierba y leña.

Cargas en el vientre

las heridas de los hijos enfermos

los hijos que no volvieron

los hijos de los hijos que no engendraste

pero vieron la luz en tus manos.

Tú, un nombre

escrito con sudor en los árboles

es la huella del trabajo de la mujer en el campo

heroína invisible de los pueblos.

Festa de bonecas

para Andréa Carolina

Há bonecas de madeira
que rangem quando soa um tango
bonecas de pano que costuram janelas
bonecas nostalgia de marimba
tabaco de tristeza
bonecas veludo de montanha
que desatam nós
para bordar jardins de espelhos.

Não importa o material de que são feitas
ao cair da prateleira
perdem braços
pernas
olhos
valentia
e assim, com a mão que lhes resta
levantam o copo e cantam em grupo
quando o tremor esconde seu gesto de vitória.

É direito das bonecas caírem
se quebrarem
se liberarem do incômodo costume
da forma correta.

Fiesta de muñecas

a Andrea Carolina

Hay muñecas de madera
que crujen cuando suena un tango
muñecas de trapo que cosen ventanas
muñecas nostalgia de marimba
tabaco de tristeza
muñecas terciopelo de montaña
que desatan nudos
para bordar jardines de espejos.

No importa el material del que están hechas
al caer de la repisa
pierden brazos
piernas
ojos
valentía
y así, con la mano que les queda
alzan la copa y cantan en grupo
cuando el temblor esconde su gesto de victoria.

Es derecho de las muñecas caerse
quebrarse
liberarse de la incómoda costumbre
de la forma correcta.



Diana Carolina Daza nasceu em Bogotá em 1980. É poeta, promotora cultural e ministra oficinas de criação literária. Diretora da editora independente Piedra de Toque. Seus textos foram publicados em revistas de criação literária e suplementos na Colômbia, Equador, Chile, Venezuela e México. Publicou: *El abrazo de los días grises*, *Domingo, vendedor de globos*, *El nacimiento de la Gargoleana*, *El azul de las cosas* e, em 2022, *Hay un gato en el espejo*, relatos para meninos e meninas. Colabora com a Fundación Trilce e o espaço cultural La Galería 4-19. Atualmente trabalha com o projeto CREA del Idartes, como artista formadora na área da literatura.



Diana Carolina Daza nació en Bogotá en 1980. Es poeta, promotora cultural y tallerista de creación literaria. Directora del sello editorial independiente Piedra de Toque. Textos suyos han sido publicados en revistas de creación literaria y suplementos de Colombia, Ecuador, Chile, Venezuela y México. Ha publicado: *El abrazo de los días grises*, *Domingo, vendedor de globos*, *El nacimiento de la Gargoleana*, *El azul de las cosas* y, en 2022, *Hay un gato en el espejo*, relatos para niños y niñas. Colabora con la Fundación Trilce y el espacio cultural La Galería 4-19. Actualmente trabaja con el proyecto CREA del Idartes, como artista formadora en el área de literatura.



2019

Diosa de la Sierra

DIOSA DE LA SIERRA

Gonavindwa

...Nasci ali...

Onde se levanta a voz para entoar um hino
E se toma uma agulha para tecer um pensamento
Também se empunha uma enxada para lavrar a terra
E a criança aprende com seus ancestrais...

Ali também se fia a palavra
A mulher pare chuvas de inocência
O homem semeia fé e esperança
Enquanto isso, ali, Serankua observa...

Ali o avô é a enciclopédia
Em que se consulta ele próprio e o estrangeiro
Ali a noite é ama-de-leite da lua
E o inverno é irmão do verão...

Ali também se cultivam amores
Se plantam sonhos onde há tristeza
Ali a criança pensa como o homem
Que se deve amar e respeitar a terra...

Nasci ali...

Onde se contempla o universo com os olhos da alma
Onde as nuvens beijam meu solo sagrado
Onde a brisa é perfume que acaricia o amanhecer
E a mulher a essência que purifica e cura...

Gonavindwa

...Nací allí...

Donde se levanta la voz para entonar un himno
Y se toma una aguja para tejer un pensamiento
También se empuña un azadón para labrar la tierra
Y el niño aprende de sus ancestros...

Allí también se hila la palabra
La mujer pare lluvias de inocencia
El hombre siembra fe y esperanza
Entre tanto allá, Serankua observa...

Allí el abuelo es la enciclopedia
Donde consulta el propio y el foráneo
Allí la noche es nodriza de la luna
Y el invierno es hermano del verano...

Allí también se cultiva amores
Se planta sueños donde hay tristeza
Allí el niño piensa como el hombre
Que se debe amar y respetar la tierra...

Nací allí...

Donde se contempla el universo con los ojos del alma
Donde las nubes besan mi tierra sagrada
Donde la brisa es perfume que acaricia el alba
Y la mujer la esencia que purifica y sana...

A grandeza de ser mulher

..Mulher...

Fonte de vida, luz e esperanças,
flor que se abre ao amanhecer, é vento e é calma
é fogo que consome as tristezas da alma...

Sua voz é melodia que acaricia e apaixona,
o grito de liberdade pelo qual um prisioneiro angustiado anseia
a semente que germina entre cascalhos e pedras...

...Mulher...

É terra que produz, no inverno e no verão
a musa dos poetas, a tentação do pecado
é rio que transborda pureza e encantos...

Mulher perfeita, mulher de todos os tempos.

Viajante do vento

Mulher sem limites

Mulher sem nome.

Deus semeou na fertilidade do seu corpo
a força para parir, amar e para vencer o homem...

La grandeza de ser mujer

..Mujer...

Fuente de vida, luz y esperanzas,
flor que se abre al amanecer, eres viento y eres calma
eres fuego que consumes, las tristezas del alma...

Tu voz es melodía que acaricia y enamora,
el grito de libertad que un preso angustiado añora
la semilla que germina entre cascajos y rocas...

...Mujer...

Eres tierra que produce, en invierno y en verano
la musa de los poetas, la tentación al pecado
eres río que se desborda de pureza y encantos...

Mujer perfecta, mujer de todos los tiempos.
Viajera del viento
Mujer sin límites
Mujer sin nombre.
Dios sembró en la fertilidad de tu cuerpo
la fuerza para parir, amar y para vencer al hombre...

Sozinha...

Sozinha, desnuda-se meu riso no caminho da indiferença, meus passos débeis percorrem cada caminho desse ontem vestido de auroras...
Recordo, meu tambor no peito se vestia de gala, minha pele de seda e a alma de festa luziam a prenda mais fina do cofre de meus sonhos dourados...

Hoje, o aroma da minha pele se espalha nas asas quebradas do vento do furacão, meus anos vão correndo nos entardeceres do ocaso, hoje meus beijos dormem no pendão de outros lábios...

Sozinha, entre espinhos com meus pés descalços, desfolho nas madrugadas as promessas rompidas que fazem eco em meus ouvidos de deusa ausente, promessas que você cuspiu ao vento e se incrustaram em meu peito para morrer comigo...

Sozinha, em uma noite misteriosa e lisonjeira, olho para o céu e uma estrela ameaça escorregar desse manto azul para beijar minhas cicatrizes, choro, choro porque sozinha bebi o cálice mais amargo desde o dia em que você se foi...

Sozinha, e minha fé definha, a alma agoniza, venceu o orgulho, adeus, minha doce primavera...

Sola...

Sola, desnuda mi risa en el camino de la indiferencia, mis pasos débiles recorren cada sendero de ese ayer vestido de auroras...

Recuerdo, mi tambor en el pecho se vestía de gala, mi piel de seda y el alma de fiesta, lucían la prenda más fina del cofre de mis sueños dorados...

Hoy, el aroma de mi piel se esparce en las alas rotas del viento huracanado, mis años van corriendo en los atardeceres del ocaso, hoy mis besos duermen en el pendón de otros labios...

Sola, entre espinas con mis pies descalzos, deshojo en las madrugadas las promesas rotas que hacen eco en mis oídos de diosa ausente, promesas que escupiste al viento y se incrustaron en mi pecho para morir conmigo...

Sola, en una noche misteriosa y zalamera miro al cielo y una estrella me amenaza en deslizarse de ese manto azul para besar mis cicatrices, lloro, lloro porque sola he bebido el cáliz más amargo desde el día en que tú te fuiste...

Sola, y mi fe marchita, el alma agoniza, venció el orgullo, adiós mi dulce primavera...



Yolanda Genith Arias Maestre (Diosa De La Sierra) é uma poetisa indígena nascida em La Mina, no sopé da Sierra Nevada del Cesar. Licenciada em Letras e Língua Espanhola (Universidad Santo Tomás Valledupar). Coordenadora do Povo Kankuamo no Parlamento Internacional de Escritores. Gestora cultural. Representa os quatro municípios da Serra perante o Conselho Municipal de Cultura do Município de Valledupar. Fundadora e presidente da *Corporación Cultural Voces de la Sierra*, Representante do Povo Kankuamo na Asamblea de Delegados y de Autoridades de las comunidades indígenas de La Sierra. Começou sua jornada no mundo das letras no ensino fundamental escrevendo contos, versos, décimas e poemas, utilizando a linguagem cotidiana em homenagem às suas raízes indígenas. Em 13 de agosto de 2014, foi incluída no *Álbum de la Academia de historia del Cesar*. Entre seus tesouros está uma coleção inédita de poemas inspirados na natureza, no amor, na violência, no esquecimento, na amizade... Seu desejo de vida é se formar escritora, ver seus textos nas mãos de um bom leitor e vir a ocupar o mais alta posição das autoridades de sua cidade ancestral como *Cabildo Gobernador*.



Yolanda Genith Arias Maestre (Diosa De La Sierra) es una poetisa indígena nacida en La Mina, en las estribaciones de la Sierra Nevada del Cesar. Licenciada en Literatura y Lengua Castellana (Universidad Santo Tomas Valledupar). Coordinadora del Pueblo Kankuamo ante el Parlamento Internacional de Escritores. Gestora Cultural. Representa los cuatro pueblos de la Sierra ante el Consejo Municipal de Cultura del Municipio de Valledupar. Fundadora y presidente de la Corporación Cultural Voces de la Sierra, Representante del Pueblo Kankuamo ante la Asamblea de Delegados y de Autoridades de las comunidades indígenas de La Sierra. Inició su recorrido en el mundo de las letras en la básica primaria escribiendo cuentos, versos, decimas, Y poemas, haciendo uso del lenguaje cotidiano en honor a sus raíces indígenas. El 13 de agosto de 2014 fue incluida en el *Álbum de la Academia de historia del Cesar*. Entre sus tesoros reposa un poemario inédito inspirado en la naturaleza, el amor, la violencia, el olvido, al amigo... Su anhelo en la vida es formarse como escritora, ver sus textos en manos de un buen lector y llegar a ocupar el cargo máximo de las autoridades de su pueblo ancestral como Cabildo Gobernador.



Dora Berdugo

DORA BERDUGO

Contradições

Vem a mim com sua carga de recordações
seus pés cansados de silêncio
um sorriso imposto
e um idioma emprestado

Enquanto construía o passado que traz
carregado de sorrisos e promessas
eu vivia o pão amargo
destas pedras

Esqueça, não embarcarei outra vez
em seu trem sem estações nem saídas
em que aspira que eu seja uma eterna passageira
de sua viagem sem retorno

Viajará de trem de avião
a pé ou de bicicleta
escapará desta cidade e de muitas outras
esquecerá quem é
ou aparentará fazê-lo
queimará suas raízes e sua memória
e ainda que extravie sua mente
e suas recordações
infallivelmente retornará a si

Não terá outro destino

Contradicciones

Llegas a mí con tu carga de recuerdos
tus pies cansados de silencio
una sonrisa impuesta
y un idioma prestado

Mientras construías ese pasado que ahora traes
cargado de sonrisas y promesas
yo vivía el pan amargo
de estas piedras

Olvidalo no me embarcaré otra vez
en tu tren sin estaciones ni salidas
donde aspiras a ser eterna pasajera
de su viaje sin retorno

Viajarás en tren en avión
a pie o en bicicleta
escaparás de esta ciudad y de muchas otras
olvidarás quién eres
o aparentarás hacerlo
quemarás tus raíces y tu memoria
y aunque extravíes tu mente
y tus recuerdos
indefectiblemente retornaras a ti

No tendrás otro destino

Acerto

A prudência impõe distância
sonhos vocações comuns e lugares
apontam para nos olharmos de frente

É preciso deixar de nos evitarmos
e começar a viver

Com a paz de quem
não tem culpas

Acierto

La prudencia impone distancia
sueños vocaciones comunes y lugares
apuntan a mirarnos de frente

Es preciso dejar de evitarnos
y empezar a vivir

Con la paz de quien
no tiene culpas

Sítio de Cartagena das Índias

Este lugar tem suas próprias recordações
seus caminhanes como ele
são de pedra
tudo é passado
e nada está por vir

Neste lugar o ontem
é interminável
aqui levo minha vida
e não sei se sou, fui ou serei
a recordação de meu passado

Uma pedra caída deste muro

Sitio Cartagena de Indias

Este lugar tiene sus propios recuerdos
sus paseantes como él
son de piedra
todo es pasado
y nada está por venir

En este sitio el ayer
es interminable
aquí llevo mi vida
y no sé si soy, fui o seré
el recuerdo de mi pasado

Una piedra caída de este muro



Dora Berdugo é advogada, consultora, poeta teatral, dramaturga, Especialista em Comunicação e Desenvolvimento, Mestra em Intervenção Social. Trabalhou como professora universitária, juíza, assessora, consultora, tutora, formadora, diretora de oficinas, editora cultural de revistas virtuais – *La Calvaria de Cartagena*, *Hojalata* e *De Sur a Sur*, revista de poesia hispano-americana (2017-2020) –, trabalhadora independente, diretora teatral, pesquisadora social, promotora de leitura, gestora cultural e coordenadora acadêmica do festival de poesia negra e cantos ancestrais de Cartagena. Tem dois livros de poesia publicados e cinco inéditos.



Dora Berdugo es abogada, consultora, poeta teatrista, dramaturga, Especialista en Comunicación y para el Desarrollo, Magister en Intervención Social. Se ha desempeñado como docente universitaria, juez, asesora, consultora, tutora, capacitadora, directora de talleres, redactora cultural de revistas virtuales – *La Calvaria de Cartagena*, *Hojalata* y *De Sur a Sur*, revista hispanoamericana de poesía (2017- 2020) –, trabajadora independiente, directora de teatro, investigadora social, promotora de lectura, gestora cultural y coordinadora académica del festival de poesía negra y cantos ancestrales de Cartagena. Tiene dos libros de poesía publicados y cinco inéditos.



Ele Vergara

ELE VERGARA

Enturbantadas

Vão florescendo as calçadas a cada passo dado por vocês,
filhas das deusas,
guardiãs da sabedoria e da soberania;
guerreiras portadoras do poder que nos guia à liberdade.

Mestras que usam coroas de pano,
que nos ensinam sobre o peso da não-história,
a que nos arrancaram;
nos apresentam os caminhos
pelos quais teve que transitar nossa força
para nos servir hoje como a corda
à qual nos agarramos
ao escalar a vida.

Transitam pela existência enturbantadas,
cada nó é um tributo
à força, ao saber
e ao poder das mulheres no antes,
no agora e,
se há um futuro,
no futuro.

Enturbantadas

Van floreciendo las aceras a cada paso dado por ustedes,
hijas de las diosas,
guardianas de la sabiduría y la soberanía;
guerreras portadoras del poder que nos guía a la libertad.

Maestras que llevan coronas de tela,
que nos enseñan sobre el peso de la no-historia,
la que nos han arrebatado;
nos presentan los caminos
por los que tuvo que transitar nuestra fuerza
para servirnos hoy como la soga
a la que nos sujetamos
al escalar la vida.

Transitan la existencia enturbantadas,
cada nudo es un tributo
a la fuerza, el saber
y el poderío de las mujeres en el antes,
el ahora y,
si hay un futuro,
el futuro.

Meu cabelo é este Sol.
Meu cabelo é esta Lua em crescente constante,
estas estrelas mortas sorrindo no presente.

Meu cabelo é água da chuva recolhida,
a floresta derrubada sem descanso,
o rio Amaime convertido em charco.

Meu cabelo é minha avó e seu sorriso,
minha mãe e sua pele tatuada,
minhas irmãs e sua energia.

Meu cabelo são coques de maconha negra.
Beijos apaixonados,
fumaça de tabaco em meio a uma leitura de cartas.

Meu cabelo sou eu.

Mi cabello es este Sol.
Mi cabello es esta Luna en creciente constante,
esas estrellas muertas sonriendo en el presente.

Mi cabello es agua de lluvia recogida,
el bosque talado sin descanso,
el río Amaime convertido en charco.

Mi cabello es mi abuela y su sonrisa,
mi madre y su piel tatuada,
mis hermanas y su energía.

Mi cabello son moños de marihuana negra.
Besos enamorados,
humo de tabaco en medio de una lectura de cartas.

Mi cabello soy yo.

Aborto, sim

Pelas africanas escravizadas que mataram seus filhos para evitar vê-los recebendo chicotadas do opressor, pelas indígenas violadas pelos invasores brancos, pelas meninas camponesas engravidadas pela igreja; pelas histórias das mulheres.

Pelas demandas de paternidade que o Estado tem em decorrência da violações cometidas por seus homens, pelo que eles nos tiraram, pelo que nos devem; para que a maternidade seja desejada ou não seja.

Porque não nos resta um planeta para herdar, pela violência obstétrica, porque queremos úteros livres. Pelas crianças abandonadas, pelas maternidades forçadas e infelizes.

Caso minhas irmãs decidam, por minha mãe que não pôde, pelas que estão no monte, pelos homens trans, pelas empobrecidas e aquelas que já maternam.

Pelas violações corretivas, pelo casamento infantil e pelo que nos saia dos ovários.

Aborto livre, legal, seguro e gratuito!

Aborto, sí

Por las africanas esclavizadas que mataron a sus hijos para evitar verlos recibiendo azotes del opresor, por las originarias violadas por los invasores blancos, por las niñas campesinas a las que embarazó la iglesia; por las historias de las mujeres.

Por las demandas de paternidad que tiene el Estado en resultado a las violaciones cometidas por sus hombres, por lo que nos han quitado, por lo que nos deben; porque la maternidad sea deseada o no sea.

Porque no nos queda un planeta que heredar, por la violencia obstétrica, porque queremos úteros libres. Por les niños abandonados, por las maternidades forzadas e infelices.

Por si mis hermanas lo deciden, por mi madre que no pudo, para las que están en el monte, para los hombres trans, para las empobrecidas y las que ya maternan.

Por las violaciones correctivas, por el matrimonio infantil y por lo que nos salga de los ovarios.

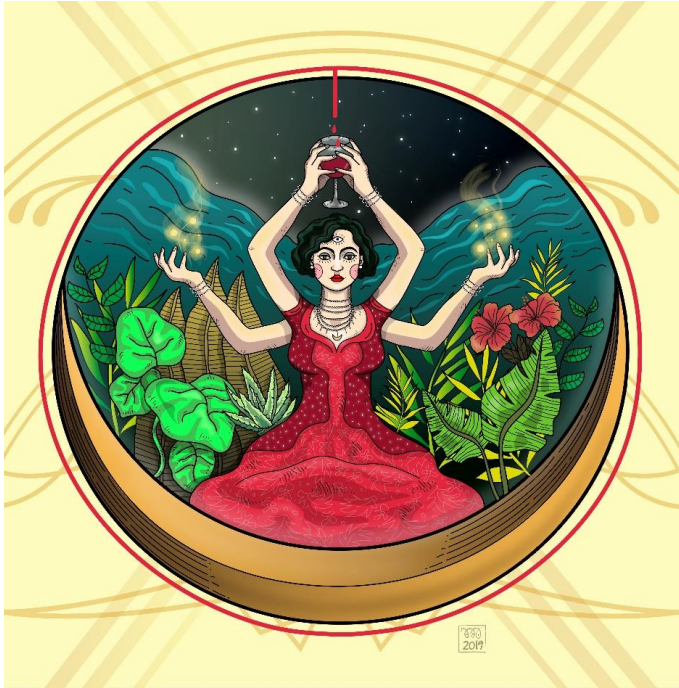
¡Aborto libre, legal, seguro y gratuito!



Ele Vergara, Amaimeña nascida no ano 2000, participou como escritora das publicações coletivas: *Con los Pelos de punta* (Amafrocol - 2020), *Metaforas al Vuelo* (Ancla Ediciones - 2021), *Cimarronas del Verbo* (Amafrocol - 2022) e *Más allá del Vuelo* (Ancla Ediciones - 2022). Sua primeira obra independente, *Ella poemas cortos*, foi publicada em 2022 pela ITA EDITORIAL.



Ele Vergara, Amaimeña nacida en el año 2000, como escritora ha participado en las publicaciones colectivas: *Con los Pelos de punta* (Amafrocol - 2020), *Metaforas al Vuelo* (Ancla Ediciones - 2021), *Cimarronas del Verbo* (Amafrocol - 2022) y *Más allá del Vuelo* (Ancla Ediciones - 2022). Su primera obra independiente, *Ella poemas cortos*, fue publicada en el año 2022 con ITA EDITORIAL.



Francy Liliana Díaz Rozo

FRANCY LILIANA DÍAZ ROZO

Majuy¹ dias sem fim

Sob o montículo de pedras
Jaz o berço do menino sol
Do menino água
Do menino vento
Do menino terra

O pai cavou com as mãos
Um lugar para a placenta
Dentro do próprio útero da terra.

Dias atrás
Majuy vestido de estrelas
Era a casa do amor e das recordações
Nada ali é acidental
Tudo ali é memória e vestígio

O ancião reza suas orações de augúrios
Para o recém-chegado filho da tribo
A avó oferece seus incensos
Purificando o ar e as palavras.

A mãe arrulha e cuida de longe
Cada segundo do ritual de boas-vindas.

Cada filho que nasce é uma estrela que regressa
Uma voz antiga que se encarna
Uma esperança que se renova
Um grito legítimo de resistência.

¹ Majuy: um monte sagrado, onde se realizam oferendas e rituais. Ele se localiza no povoado de Facatativá, Colômbia.

Majuy días sin fin

Bajo el montículo de piedras
Yace la cuna del niño sol
Del niño agua
Del niño viento
Del niño tierra

El padre cavó con sus manos
Un lugar para la placenta
Dentro del útero mismo de la tierra.

Días atrás
Majuy vestido de estrellas
Era la casa del amor y los recuerdos
Nada allí es accidental
Todo allí es memoria y huella

El anciano reza sus plegarias de augurios
Para el recién llegado hijo de la tribu
La abuela ofrenda sus inciensos
Purificando el aire y las palabras.

La madre arrulla y cuida de lejos
Cada segundo del ritual de bienvenida.

Cada hijo que nace es una estrella que regresa
Una voz antigua que se encarna
Una esperanza que se renueva
Un grito legítimo de resistencia.

Amemo-nos

Feche a cortina do desprezo
Caminhe até mim como guerreiro
Rompa com beijos a noite do esquecimento
E teça um arco-íris de suspiros sobre meu sonho de pombas.

Juntos, viemos empunhando a bandeira do amor em tempos de ódio
E hoje, amor, me urge que em mim coloque asas
Por várias noites senti o horror da morte assomando na varanda
E me enchi de coragem lembrando nossos lemas
revolucionários.

Cante-me aquela canção de esperança enquanto desabotoa minha blusa
Beije-me os olhos enquanto ajeita suavemente meus seios
Apague da minha memória o medo das terras arrasadas.

Troque as rajadas de fogo por bombardeios de beijos
Faça-me uma emboscada de carícias
E mine minhas entranhas com seus líquidos ancestrais
Esmague minha solidão com sua presença de aquarelas.

Faça amor comigo na trincheira desta cama de pétalas
Enquanto um aguaceiro interminável molha os telhados de barro
E eu imagino vê-lo sorrindo com a umidade dos telhados.

Amemo-nos, amor,
Em tempos de guerra
Nesta pátria dilacerada
Na qual o amor ...
ainda resiste.

Amémonos

Cierra la persiana del desprecio
Camina hacia mí como guerrero
Rompe con besos la noche del olvido
Y teje un arcoíris de suspiros sobre mi sueño de palomas.

Juntos hemos venido empuñando la bandera del amor en tiempo de odio
Y hoy amor, me urge que me pongas alas
Desde hace varias noches he sentido el horror de la muerte asomado en el balcón
Y me he llenado de valor recordando nuestras consignas revolucionarias.

Cántame aquella canción de esperanza mientras desapuntas mi blusa
Bésame los ojos mientras ajustas suavemente mis senos
Borra de mi memoria el miedo de las tierras arrasadas.

Cambia las ráfagas de fuego por bombardeos de besos
Hazme una emboscada de caricias
Y mina mis entrañas con tus ancestrales líquidos
Acribilla mi soledad con tu presencia de acuarelas.

Hazme el amor en la trinchera de esta cama de pétalos
Mientras un aguacero interminable moja los techos de barro
Y yo imagino verte sonreír con la humedad de los tejados.

Amémonos amor
En tiempos de guerra
En esta patria desgarrada
En la que el amor ...

aún resiste.

Quebra-cabeças

Sou um quebra-cabeças de mim, de outras, de minhas outras, de minhas ancestrais, minhas imagens vencidas e novas, minhas autoras preferidas, minhas cantoras-compositoras antigas, meus espíritos femininos milenares, poetas vestidas de homem para serem lidas, as que curam com plantas, as que regam a semente nos sulcos, as que tecem e fiam, as lavadeiras, as trançadeiras, as contadoras de histórias, as de salto agulha, as de alpercatas, as noturnas, as andarilhas, as livres, as subjugadas, as analfabetas, as parideiras de filhos, as inférteis, as sombrias e tristes, as que vivem por viver e as que o fazem intensamente, a puritana, a pervertida, a raivosa, a adorável, a professora de escola. Sou um pouco de minha mãe, minha irmã, minha filha, da avó Carmen e da avó Rosário de quem não recordo, mas sinto.

Isso mesmo, sou todas elas para ser quem sou, para me moldar, para me definir, para que todos que saibam de mim entendam que, graças a todas elas, pude chegar a ser eu mesma, com todas as suas heranças, mas meu único molde irrepetível.

Rompecabezas

Soy un rompecabezas de mí, de otras, de mis otras, de mis ancestras, mis imágenes vencidas y nuevas, mis autoras favoritas, mis cantoras antiguas, mis espíritus femeninos milenarios, las poetas vestidas de hombres para ser leídas, las que curan con plantas, las que riegan la semilla en los surcos, las que tejen e hilan, las lavanderas, las que hacen trenzas, las contadoras de historias, las de tacones puntilla, las de alpargatas, las nocturnas, las andariegas, las libres, las subyugadas, las analfabetas, las paridoras de hijos, las infértiles, las oscuras y tristes, las que viven por vivir y las que lo hacen intensamente, la puritana, la perversa, la rabiosa, la adorable, la maestra de escuela. Soy un poco de mi madre, de mi hermana, de mi hija, de la abuela Carmen y la abuela Rosario a quienes no recuerdo pero siento.

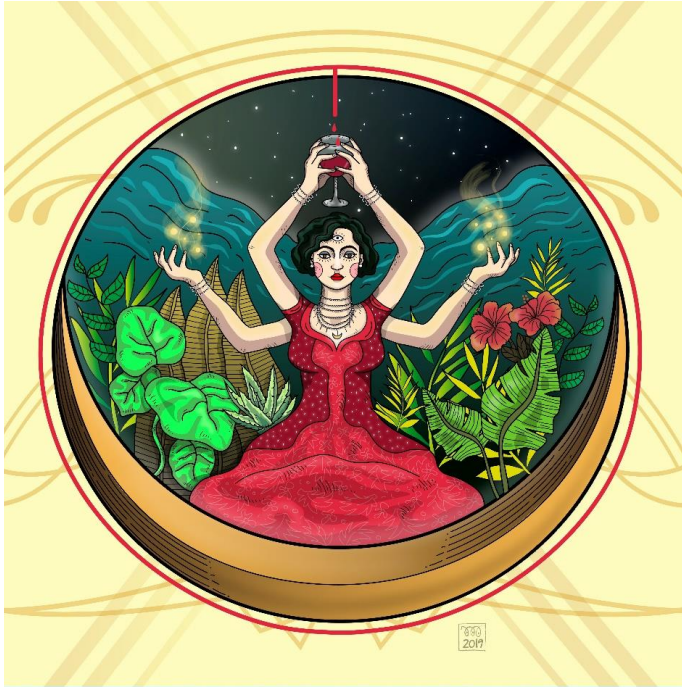
Así es, soy todas ellas para ser quien soy, para darme forma, para definirme, para que todo el que sepa de mí entienda que gracias a todas ellas, he podido llegar a ser yo misma, con todas sus herencias, pero mi único molde irreplicable.



Francy Liliana Díaz Rozo estudou Língua e Comunicação Espanhola na Universidade de Pamplona Norte em Santander. Ativista político em defesa dos direitos humanos e do meio ambiente, vice-diretora da *Corporación Cultural Hicha Guaia* e da comunidade muisca. Membro do *Colectivo Literario Poetiza* e da *Corporación le Sua Hijos de Manjui*. Primeiro lugar na 6ª Semana Cultural Internacional Facatativá. Participou de encontros nacionais e internacionais, incluindo os de Manabí, Equador; Chañaral, Chile, Feira do Livro de Havana, Cuba 2011; Menção Honrosa concedida pela *Casa del Poeta Peruano*, Representação do Chile, Concurso de Poesia Hispânica Gabriela Mistral, XVII Encontro Internacional de Poetas Zamora, Michoacán, México, 2013.



Francy Liliana Díaz Rozo estudió Lengua Castellana y Comunicación en la Universidad de Pamplona Norte de Santander. Activista político en defensa de los derechos humanos y del ambiente, subdirectora de la Corporación Cultural Hicha Guaia y de la comunidad muisca. Miembro del Colectivo Literario Poetiza y de la Corporación le Sua Hijos de Manjui. Primer lugar en la 6ª Semana Cultural Internacional Facatativá. Ha participado en encuentros nacionales e internacionales, destacan los de Manabí, Ecuador; Chañaral, Chile, Feria del libro de La Habana, Cuba 2011; Mención honorífica otorgada por la Casa del Poeta Peruano, Representación Chile, concurso Hispanoamericano de Poesía Gabriela Mistral, XVII Encuentro Internacional de poetas Zamora, Michoacán, México 2013.



Laura Castillo

LAURA CASTILLO

Vovó sofre de Alzheimer

Esqueceu a temperatura exata em que as
galinhas bicam o chão,
o lugar no qual abandona de vez em quando suas
recordações
e o tempo em que o mundo costuma amanhecer.
Às vezes, meus olhos tropeçam nela na madrugada,
me olha e reconhece a orfandade. Não lhe importa.

Vovó gosta de caminhar à noite
e, enquanto o faz, deixa fatias de luz
como se habitasse pouco a pouco o céu.

(de *Prolongación de la Lluvia*)

La abuela sufre de Alzheimer

Ha olvidado la temperatura exacta con que las
gallinas picotean el suelo,
el lugar en el que abandona de vez en cuando sus
recuerdos
y el tiempo en el que el mundo acostumbra amanecer.
A veces, mis ojos tropiezan con ella en la madrugada,
me mira y reconoce la orfandad. No le importa.

A la abuela le gusta caminar de noche
y, mientras lo hace, deja tajos de luz
como si habitara poco a poco el cielo.

(de Prolongación de la Lluvia)

Deslocamento

Às tecelãs de Mampuján

Depois do golpe de omissão
no ventre da tarde
Mampuján anoitece
com um teimoso afã de dormir.
Não há tempo,
sussurram doze corpos nos lábios,
há que carregar redes e panelas,
há que deixar que a grama seca
seja o hóspede que habite a casa,
há que silenciar.

Longe,
no profundo de um quarto,
uma mulher peregrina aguarda
entre fios e retalhos que convergem em suas mãos.

Tecer é sua forma de nomear
a ausência de raízes
na ponta dos dedos.

Desplazamiento

A las tejedoras de Mampuján

Tras el golpe de omisión
en el vientre de la tarde
Mampuján anochece
con un terco afán de dormir.
No hay tiempo,
susurran doce cuerpos en los labios,
hay que cargar hamacas y vasijas,
hay que dejar que la hierba seca
sea el huésped que habite la casa,
hay que silenciar.

Lejos,
en lo profundo de una habitación,
una mujer peregrina aguarda
entre hilos y retazos que convergen en sus manos.

Tejer es su forma de nombrar
la ausencia de arraigo
en la punta de los dedos.

Mestiçagem

Uma mulher negra aproxima seus quadris
como se em seu ventre acolhesse um golpe de origem.
Observa a beira da estrada,
com esses olhos que derrubam memória,
com a letargia de sua boca
mordendo palavras como agulhas do tempo.
Basta ver seu rosto para entender
que a luz situada em suas mãos
pouco a pouco adormece.
O vento o sabe:
não há lugar que abrigue sua história
nem que sustente tanto silêncio amontoado.

(de *Prolongación de la Lluvia*)

Mestizaje

Una mujer negra aproxima sus caderas
como si en su vientre recogiera un golpe de origen.
Observa el borde del camino,
con esos ojos que derrumban memoria,
con el letargo de su boca
mordiendo palabras como agujas del tiempo.
Basta ver su rostro para entender
que la luz situada en sus manos
poco a poco se adormece.
El viento lo sabe:
no hay lugar que cobije su historia
ni que sostenga tanto silencio amontonado.

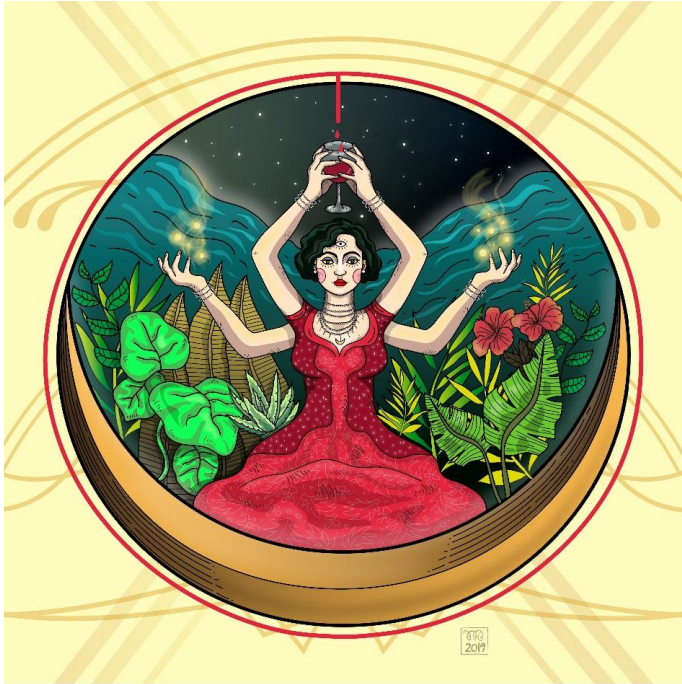
(de *Prolongación de la Lluvia*)



Laura Castillo (Bogotá, 1990) é advogada da Universidad Externado da Colombia. Em 2017 publicou seu primeiro livro *Prolongación de la Lluvia*, vencedor do XX Premio Nacional de Poesía da Universidad Metropolitana de Barranquilla. Foi menção honrosa na categoria de Poesia no Tercer Concurso de Escrituras Creativas Cuento, Poesía y Crónica da Red Capital de Bibliotecas Públicas - BiblioRed (2014). Faz parte da Comissão Editorial da Raíz Invertida (editora e revista eletrônica). Foi incluída em várias antologias de poesia, incluindo a *Antología de poesía colombiana contemporánea* (1953-2015), Ramón Cote Baraibar, compilador; *Luz sin estribos* (poetas colombianos e cubanos nascidos após 1980) e *Liberoamericanas: 140 poetas contemporáneas*.



Laura Castillo (Bogotá, 1990) es abogada de la Universidad Externado de Colombia. En el año 2017 publicó su primer libro *Prolongación de la Lluvia*, el cual fue ganador del XX Premio Nacional de Poesía de la Universidad Metropolitana de Barranquilla. Fue mención de honor en la categoría de Poesía en el Tercer Concurso de Escrituras Creativas Cuento, Poesía y Crónica de la Red Capital de Bibliotecas Públicas – BiblioRed (2014). Hace parte del Comité Editorial de la Raíz Invertida (editorial y revista electrónica). Ha sido incluida en diversas antologías de poesía, entre ellas, la *Antología de poesía colombiana contemporánea* (1953-2015), Ramón Cote Baraibar, compilador; *Luz sin estribos* (poetas colombianos y cubanos nacidos a partir de 1980) y *Liberoamericanas: 140 poetas contemporáneas*.



Luisa Fernanda Varón

LUISA FERNANDA VARÓN

Shibboleth

*Para Doris Salcedo (2007),
e a todas as suas dores de pátria,
enterrado na Tate Modern,
Londres (Reino Unido)*

Estiveram protegidos
à sombra de árvores milenárias,
avós que os viram passar,
à noite, de dia,
contornando com pé descalço o abismo,
o barranco que caminha com a senda
ao redor da montanha.

Estiveram lá refugiados,
internos na floresta verde,
em rebanho,
querendo-se entre si,
enlaçados pela palavra “alma”.
Também na floresta cinzenta,
sobrevivendo à queda,
amarrados pela palavra “bala”.

Estiveram escondidos
no subsolo da torpe civilização branca,
caminhando pelas bordas que ninguém visita,
lânguidos gravetos de canela
onde se instalam para logo chorar seus mortos
e pagar sua roça imaginária,
arada com a palavra “raiva”.

Desandaram passos
por mais de 167 metros,

rezando para Gaia,
implorando-lhe perdão.
Diariamente espiam de novo pela rachadura
rumo ao passado,
para voltar a dançar
e a cruzar de um lado a outro,
como se tecendo uma mortalha para o medo.

Já disseram todas as suas rezas,
com todas as suas palavras juntas,
como uma cola
que tenta fechar essa rachadura,
o mármore da coragem
onde semeiam sua esperança
e o osso quebrado
até o tutano,
com que amassam sua dignidade.

Querem regressar, mas não há caminho.
Querem tecer, não encontram fios.
O coração triste agora é sua terra,
sua pátria e sua matéria,
e a colheita é um fantasma aninhado
no vazio escuro,
vendido ao turismo
como uma anedota
ou uma lenda rural.

Shibbolet, a renúncia,
apenas o aroma do pão e do milho.
Haverá que se acostumar a vê-la
ali, para sempre
outro ser natural,
com o respeito próprio a uma ferida de guerra
que com vergonha
se converte em uma bela cicatriz.

(poema inédito do livro *Fênix*)

Shibboleth

*A Doris Salcedo (2007),
y a todos sus dolores de patria,
enterrados en el Tate Modern,
Londres (UK)*

Han estado guarecidos
bajo la sombra de árboles milenarios,
abuelos que los han visto pasar,
de noche, de día,
bordeando a pie descalzo el abismo,
el barranco que camina con la senda
alrededor de la montaña.

Han estado allí refugiados,
internos en la manigua verde,
en manada,
queriéndose entre sí,
enlazados por la palabra "alma".
También en la selva gris,
sobreviviendo a la caída,
amarrados por la palabra "bala".

Han estado escondidos
en el subsuelo de la torpe civilización blanca,
caminando por los bordes que nadie visita,
lánguidas astillas de canela
donde se asientan para luego llorar sus muertos
y abonar su chagra imaginaria,
arada con la palabra "rabia".

Han desandado pasos
por más de 167 metros,
orándole a Gaia,
rogándole perdón.

A diario se asoman de nuevo por la grieta
hacia el pasado,
para volver a danzar
y a cruzar de un lado a otro,
como tejiendo una mortaja para el miedo.

Ya dijeron todos sus rezos,
con todas sus palabras juntas,
como un pegamento
que intenta cerrar esa hendidura,
el mármol del coraje
donde siembran su esperanza
y el hueso vulnerado
hasta el tuétano,
con el que amasan su dignidad.

Quieren regresar, mas no hay camino.
Quieren tejer, no encuentran hilos.
El corazón triste ahora es su tierra,
su patria y su patria,
y la cosecha es un fantasma anidado
en el vacío oscuro,
vendido al turismo
como una anécdota
o una leyenda rural.

Shibbolet, la renuncia,
apenas el olor del pan y del maíz.
Habrá que acostumbrarse a verla
ahí, por siempre,
otro ser natural,
con el respeto propio a una herida de guerra
que con vergüenza
se convierte en una bella cicatriz.

(poema inédito del poemario *Fenix*)

Dialética

*Sem conflito não há narrativa,
Sem fraturas não há evolução*

Um osso que rosna e
se mobiliza para o protesto
A implosão de olhos que
pela primeira vez observam
rasgos de vestidos
cobertos de silício
Correntes derretidas
em chamas que se estendem
Lamentos estridentes
do cadeado oxidado que se abre
Milagre Liberdade
de um corpo em revolução
A vista do largo leito
de um jamais em outra margem
Sabor de sal na gota
lambe a têmpera
depois da luta, a resistência,
depois das mortes e
as ressurreições
com estas pequenas agonias
no lodo do êxodo
sob a contusão que deixa o porrete
pisamos com ardor e glória
abrimos a brecha
o caminho para uma vida melhor.

(poema inédito do livro *Fenix*)

Dialéctica

*Sin conflicto no hay narrativa,
Sin fracturas no hay evolución*

Un hueso que gruñe y
se moviliza a la protesta
La implosión de ojos que
por primera vez observan
Rasgaduras de vestidos
cubiertos de silicio
Cadenas derretidas
en llamas que se estiran
Lamentos estridentes
del candado oxidado que se abre
Milagro Libertad
de un cuerpo en revolución
La vista al ancho cauce
desde un jamás en otra orilla
Sabor a sal en la gota
lame la sien
después de la lucha, la resistencia,
después de las muertes y
las resurrecciones
con estas pequeñas agonías
en el lodo del éxodo
bajo la contusión que deja la macana
pisamos con ardor y gloria
abrimos la brecha
el sendero a una vida mejor.

(poema inédito del poemario *Fenix*)

O papiro e a foice

Do berço aos três pés,
a extinção persegue esta vida.
O homem me engendrou,
também me salvou,
roubou minha cabeça da foice
em um poço sem fim
a incitou:
Letras, dicionários, música e aguardente
Escola de boemia em casa
Lâmpada escolar
Concorrente de feira
Tertuliente em estábulos de Sabana
Escrivã de sonhos e arquivos
Mercenária de significados comercializáveis
Escrava de suspiros nunca ditos
A morte pronunciou meu nome...
outra vez!
derrubar-me quis
exigiu meu pescoço
estendeu sua mão de ossos a meus ossos
não me encontrou, pois
me sepulto
entre polpas, papiros e papeis
remendo as raspas de canela
com letras adesivas embebidas em água,
lágrimas de asfalto e areia
mucilagem óssea e fios globulares.
Morro por minha conta
cheiro minhas taras
amortalho meus pecados, ausências e ignorância.
Me perdoo entre notas de cadernos
um pouco mais de espera
a lápis
e renasço bebendo poções sem publicar.

(poema inédito do livro *Fenix*)

El papiro y la hoz

De la cuna hasta los tres pies,
la extinción persigue esta vida.
El hombre me engendró,
también me salvó,
robó mi cabeza de la hoz
en un pozo sin fin
la incitó:
Letras, diccionarios, música y aguardiente
Escuela de bohemia en casa
Lámpara escolar
Concursante de feria
Tertuliente en caballerizas de Sabana
Escribana de sueños y archivos
Mercenaria de significados comerciables
Esclava de suspiros nunca dichos.
La pelona pronunció mi nombre...
otra vez!
derribarme quiso
exigió mi cuello
estiró su mano de huesos a mis huesos
no me encontró, pues
me sepulto
entre pulpas, papiros y papeles,
me remiendo las astillas de canela
con letras adhesivas pasadas por agua,
lágrimas de asfalto y arena
mucílago óseo e hilos globulares.
Muero por mi cuenta
hiedo mis taras
amortajo mis pecados, ausencias e ignorancia.
Me perdono entre notas de cuadernos
un poco más de espera
en lápiz
y renazco bebiendo pócimas sin publicar.

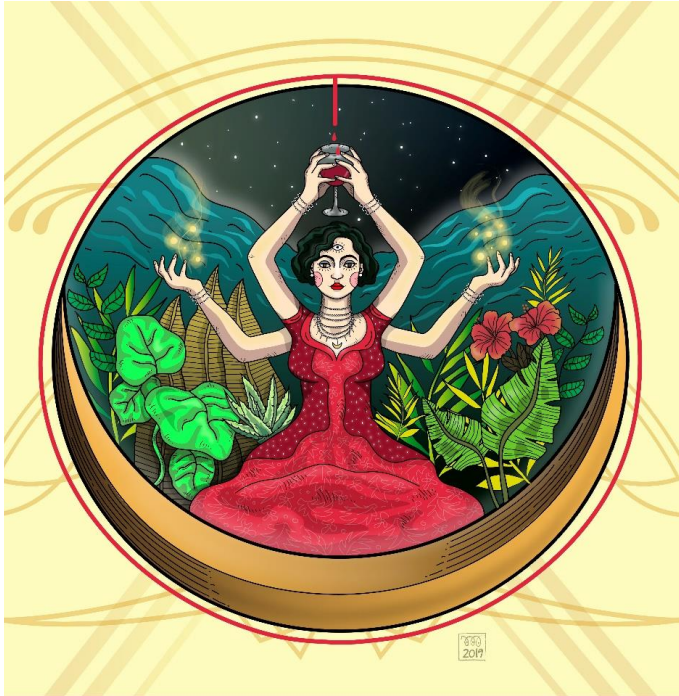
(poema inédito do poemario *Fenix*)



Luisa Fernanda Varón (pseudônimo: Lucrecia Di Santa Lucía) nasceu em Ibagué (Tolima) em 1974. É filha de um trabalhador do campo de Tolima e sua mãe é de Samaria. Comunicadora Social e Jornalista pela Universidad de la Sabana, com especialização em Gestão em Governo e Gestão Pública pela Universidad Jorge Tadeo Lozano, e Comunicação Educacional pela Universidad Minuto de Dios. Recebeu o título de Mestra em Comunicação Educação na Cultura, também na UNIMUTO, com a pesquisa *“Las Mujeres el Machismo y la Cocina”*. Motociclista, bissexual e feminista, bolsista IDARTE na Escuela de Escritura Creativa de Kennedy e na Escuela Distrital de Novela, atualmente é aluna da Escuela de Literatura Cartografías del Silencio, no Município de Funza em Cundinamarca. A partir do pensamento *“nuestroamericano”* e decolonial, concentra sua poesia na denúncia e visibilização da luta coletiva das mulheres e do povo colombiano na busca da paz, da erradicação da violência de gênero, da injustiça, da impunidade e do machismo incrustado no coração de uma cultura heteronormativa, capitalista, extrativista e patriarcal. Seus escritos jornalísticos culturais e poéticos têm sido publicados em diversos meios impressos do país, bem como em canais alternativos e independentes.



Luisa Fernanda Varón (Seudónimo: *Lucrecia Di Santa Lucía*) nació en Ibagué (Tolima), en 1974. Hija de tolimense de extracción campesina y madre samaria. Comunicadora Social y Periodista de la Universidad de la Sabana, con especialización en Gerencia en Gobierno y Gestión Pública de la Universidad Jorge Tadeo Lozano, y Comunicación Educativa de la Universidad Minuto de Dios. Ha obtenido el título de Maestría en Comunicación Educación en la Cultura, igualmente en UNIMUTO, con la investigación “Las Mujeres el Machismo y la Cocina”. Motera, bisexual y feminista, beneficiada con becas IDARTE en las escuelas de Escritura Creativa de Kennedy y Escuela Distrital de Novela, actualmente es estudiante de la Escuela de Literatura Cartografías del Silencio del Municipio de Funza en Cundinamarca. Desde el pensamiento “nuestroamericano” y decolonial, enfoca su poética en la denuncia y la visibilización de la lucha colectiva de las mujeres y del pueblo colombiano en la búsqueda de la paz, la erradicación de las violencias de género, la injusticia, la impunidad y el machismo incrustado en el corazón de una cultura heteronormada, capitalista, extractivista y patriarcal. Sus escritos periodísticos culturales y poéticos han sido publicados en diferentes medios impresos del país, así como en canales alternativos e independientes.



María Antonia León

MARÍA ANTONIA LEÓN

Presença

Persigo a pétala através da língua
mas a boca já está do outro lado
no espaço frágil entre o poema e eu:
o pressentimento que ganha pavio
para queimar bem o incenso
o que é mistura das rosas de água
sem estruturas incrustadas
porque entre casa e casa
há algo que permanecerá aberto
até que se arrebentem os músculos
da ave que foge das palavras frias
com inteligência de leão se gestando.

[3 de outubro de 2017]

Presencia

Persigo el pétalo a través de la lengua
pero la boca ya está del otro lado
en el espacio frágil entre el poema y yo:
la corazonada que gana pabilo
para quemar el incienso bien
el que es mezcla de las rosas de agua
sin estructuras cortezas
porque entre casa y casa
hay algo que permanecerá abierto
hasta que se revienten los músculos
del ave que huye de las palabras frías
con inteligencia de león gestándose.

[3 de octubre de 2017]

Monstro

Sonha com momentos de tortura
tem os olhos claros de rugas
as órbitas resplandecentes de luz ao revés
como um peixe de cascata plácida
está na terra
não romantiza a besta
tem o lombo apertado
não tem estômago
apenas as escamas de milho
que se desgarram quando visita as pedras
em seu ritual remédio
onde faz caramelo com cartilagem
da vala comum.

Monstruo

Sueña con momentos de tortura
tiene los ojos claros de arrugas
las órbitas resplandecientes de luz al revés
como un pez de cascada plácida
está en la tierra
no romantiza a la bestia
lleva el lomo apretado
no tiene estómago
solamente las escamas de maíz
que se desgajan cuando visita las piedras
en su ritual remedio
donde hace caramelo con cartílago
de la fosa común.

Purificação

Pensar que a rosa não teve atalhos
nem mais remédio a não ser nascer com um vestido:
o oráculo do verso cuspiu algo,
sopro do papiro,
rumor de folhas modelo.

E o nariz, hectare recortado,
se iluminou como o tempo:
agora só recordamos
o sangue coxo de crina,
a opala da costa
e aquele verso encerrado
na concha virgem.

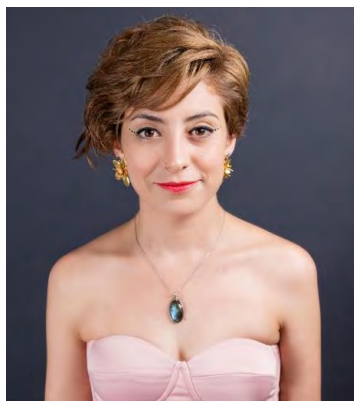
[2018]

Purificación

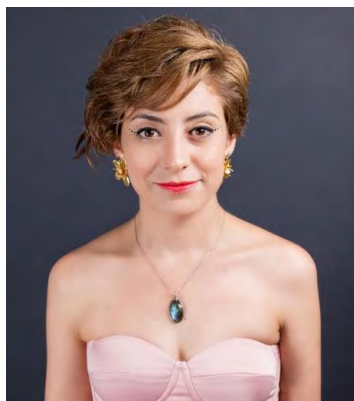
Pensar que la rosa no tuvo atajos
ni más remedio que nacer con un vestido:
el oráculo del verso escupió algo,
soplo del papiro,
rumor de hojas plantilla.

Y la nariz, hectárea escalopada,
se encendió como el tiempo:
ahora solo recordamos
la sangre cojo de crin,
el ópalo del costal
y aquel verso cerrado
en la concha virgen.

[2018]



María Antonia León é escritora, editora, professora e astróloga. Mestre em Escritas Criativas pela Universidad Nacional da Colombia e comunicadora social pela Universidad Santo Tomás. Seus textos foram publicados em revistas e jornais na Colômbia e na Argentina, e em diversas antologias literárias. Fundou e codirigiu a revista literária *La Perra* (2010 – 2012), e foi uma das editoras da Biblioteca de Escritoras Colombianas, do Ministério da Cultura da Colômbia, por meio da Corpoélite. Publicou o livro de poemas *El aparato que late* (Domingo Atrasado, 2021) e ganhou o *VI Premio Biental de Novela Corta Roberto Burgos Cantor* Pontificia Universidad Javeriana – Editorial Planeta, com seu romance *El oráculo térmico* (Seix Barral, 2023). Atualmente orienta oficinas de escrita com a Prefeitura de Bogotá e dirige a escola de escrita e astrologia La Maestra.



María Antonia León es escritora, editora, docente y astróloga. Magíster en Escrituras Creativas de la Universidad Nacional de Colombia y comunicadora social de la Universidad Santo Tomás. Sus textos han sido publicados en revistas y periódicos de Colombia y Argentina, y en varias antologías de cuento, crónica y poesía. Fundó y codirigió la revista literaria *La Perra* (2010 – 2012) y fue una de las editoras de la Biblioteca de Escritoras Colombianas, del Ministerio de Cultura de Colombia, a través de Corpoélite. Publicó el libro de poemas *El aparato que late* (Domingo Atrasado, 2021) y ganó el VI Premio Biental de Novela Corta Roberto Burgos Cantor Pontificia Universidad Javeriana – Editorial Planeta, con su novela *El oráculo térmico* (Seix Barral, 2023). Actualmente orienta talleres de escritura con la Alcaldía de Bogotá, edita libros y dirige la escuela de escritura y astrología La Maletra.



Mileny Jojoa

MILENY JOJOA

Uarmi Inga (Mulher Inga)

Das fecundas montanhas descendo
Eu sou andina
Da Região do milho e da ayahwasca provenho
Eu sou mulher
De onde emanam as flores e cantam os vaga-lumes,
Eu sou alpa (terra).

Eu, guardiã do vento, dona daquele colorado entardecer
Cantemos, avó minha, ao som da quena¹ e do tambor,
A tulpa² fecha a noite.
Sonhemos com a lua e despertemos com o sol.

Eu, dona da aurora, assim sou eu!
Eu hei de perfurar o madeiro do fogo,
a cabeça branca fica azeda:
a chicha fica forte e o maitu³ começa a torrar.

Eu, tecelã de histórias,
Doadora de vida
Nasci com minha flecha feita de tronco,
Nasci sendo guerreira.

Eu sou mulher, sou menina, sou avó
Eu sou inga⁴

1 quena: instrumento de vento andino.

2 tulpa: espaço de transmissão de saberes e preparação de alimentos.

3 maitu: alimento típico del pueblo inga.

4 inga: comunidade indígena situada no departamento colombiano de Putumayo.

Uarmi Inga (Mujer Inga)

De las fecundas montañas desciendo
Yo, soy andina
De la Región del maíz y el ayahuasca provengo
Yo soy mujer
De donde emanan las flores y cantan las luciérnagas,
Yo, soy alpa (tierra).

Yo, guardiana del viento, dueña de aquel colorado atardecer.
Cantemos, abuela mía, al son de la quena y el tambor,
La tulpa⁵ cierra la noche.
Soñemos con la luna y despertemos con el sol.

Yo, dueña de la aurora, ¡así soy yo!
yo he de perforar el madero del fuego,
la cabeza blanca se vuelve aceda:
la chicha se hace fuerte y el maitu se empieza a tostar.

Yo, tejedora de historias,
Dadora de vida
Nací con mi flecha hecha de tronco,
Nací siendo guerrera.

Yo soy mujer, soy niña, soy abuela
Yo soy inga

⁵ tulpa: espacio de transmisión de saberes y preparación de alimentos.

Avô (atun taita)

*nukapa atun taita iura uma, llaki kawai
nukanchi samunchi paipa alpa maimanda samukuskata wuaka chinakunchi,
sakinacuchi
nukanchipa wuasama, mana munanchi paipa ñawima kawuana kungapa
paipa ñawiwa kawua wuaku kaiauspa atunsachama, tukuy punchakuna, tukuy
tutakuna
;paipa ñawiwa sakinakunchi, kainaman datasina kidaku paipa samay!*

*kuti samai atun taita, samuy mariposacuenta
kai alpata sarui kamba chusay chakikunawa, kutichui punchata mana tutaiangapa
kusikuy suma alpakunapi, uairichu tukuikuna kamba unaimanda saruikuna
kusikuy, kusikui atun taita iaku, cielo maki piyankama kamba suma iuyaiku-
nawa kausaskamanda.*

Meu avô de cabelos brancos, olhar triste.
Dono da terra que pisamos e da raça que prezamos.
Destinado ao desdém do esquecimento, porque jamais olhamos para seu rosto.
Esse rosto de quem me chama para as montanhas todos os dias, todas as
noites.
Esse rosto da ausência que hoje deixamos, sendo o suspiro de um ontem!

Volte avô, volte em forma de borboleta.
Roce a terra com seus pés descalços e faça voltar para ela o dia que a noite
apagou.
Dance os vales, para que neste pálido silêncio soem seus passos ancestrais.
Dance! Dance com a água, avô,
Até que aplauda o céu de sua preciosa sabedoria e existência.

Abuelo (atun taita)

*nukapa atun taita iura uma, llaki kawai
nukanchi samunchi paipa alpa maimanda samukuskata wuaka chinakunchi,
sakinacuchi
nukanchipa wuasama, mana munanchi paipa ñawima kawuana kungapa
paipa ñawiwa kawua wuaku kaiauspa atunsachama, tukuy punchakuna, tukuy
tutakuna
¡paipa ñawiwa sakinakunchi, kainaman datasina kidaku paipa samay!*

*kuti samai atun taita, samuy mariposacuenta
kai alpata sarui kamba chusay chakikunawa, kutichui punchata mana tutaiangapa
kusikuy suma alpakunapi, uairichu tukuikuna kamba unaimanda saruikuna
kusikuy, kusikui atun taita iaku, cielo maki piyankama kamba suma iuyaiku-
nawa kausaskamanda.*

Mi abuelo de canas blancas, mirada triste.
Dueño de la tierra que pisamos y de la raza que atesoramos.
Destinado en el desdén del olvido, porque jamás miramos su rostro.
Ese rostro de quien me llama hacia las montañas todos los días, todas las noches.
¡Ese rostro de la ausencia que hoy dejamos, siendo el suspiro de un ayer!

Vuelve abuelo, vuelve en forma de mariposa.
Roza la tierra con tus pies descalzos y haz que vuelva a ella el día que la noche
apago.
Danza los valles, para que en este pálido silencio suenen tus pasos ancestrales.
¡Baila! Baila con el agua abuelo,
Hasta que aplauda el cielo de tu preciosa sabiduría y existencia.

Lembre-se de mim

Avozinha minha, quando eu morrer,
Sepulte-me junto à tulpa
E quando for fazer a chichita⁶
Ali por mim chore.

E se alguém lhe perguntar:
Vovó, por que chora?
Diga-lhes que está verde a lenha
e faz chorar com a fumaça.

6 chichita: diminutivo de chicha, uma bebida tradicional de algumas comunidades indígenas

Recuérdame

Abuelita mía, cuando yo muera.
Sepúltame junto a la tulpa
Y cuando vayas a hacer la chichita⁷
Allí por mi llora.

Y si alguien te preguntara:
abuela por qué llora?
Diles que está verde la leña
y hace llorar con el humo.

⁷ chichita: diminutivo de chicha, una bebida tradicional de algunas comunidades indígenas



Mileny Jojoa é poeta e artesã. Indígena Inga do departamento de Putumayo, atualmente se dedica ao trabalho comunitário. Escreveu vários artigos para a revista *El Libre Pensador* sobre a cultura Inga e outras comunidades indígenas como “*Soy Inga*”, “*En mi Navidad maito y rayana, por favor*”, “*Indígenas comprometidos con la paz*” e outros. Foi uma das fundadoras do coletivo *Memorias originarias Muksu*, a criar espaços culturais e literários; no âmbito da proteção dos saberes ancestrais dos povos indígenas através da literatura em línguas nativas e da música tradicional.



Mileny Jojoa es poeta y artesana. Indígena inga del departamento del Putumayo, actualmente se dedica al trabajo comunitario, ha escrito varios artículos para la revista *El Libre Pensador* sobre la cultura Inga, y otras comunidades indígenas tales como “Soy Inga”, “En mi Navidad maito y rayana, por favor”, “Indígenas comprometidos con la paz” y otros. Fue una de las fundadoras del colectivo *Memorias originarias Muksu*, a crear espacios culturales y literarios; en el marco de la protección de los saberes ancestrales de los pueblos indígenas por medio de la literatura en lenguas originarias y la música tradicional.



Mirian Díaz Pérez

MIRIAN DÍAZ PÉREZ

Sussurros do mundo paralelo

Os turbantes da vovó que vestem minha cabeça,
recolhem os redemoinhos de sua palavra,
se ajustam ao fio do meu pensamento,
cada nó desatado traz o sussurro de sua velha voz,
suas orações suavizam a língua
de mulheres de rostos alegres.
Aprendi o segredo dos turbantes,
Solto os nós desse pano sagrado

e me extasio com o pavor que baila nos olhos dos meus amigos.
Uma a uma cai no poço dos tormentos.
Me assusta a sombra frente ao espelho.
Sete vezes vi a oração nos olhos da vovó
reclama o ritual sagrado do turbante antigo
e a voz do *bullerengue* no tempo do seu retorno
um canto *bullerengüero*¹ quando morra quero eu

1 N.T.: Ritmo musical dançante colombiano caribenho, envolvendo tambores e mulheres.

Nboso ri memo tiela

*Ma mutú ri iyaiyá ke ta bití tutú mi
ta ngalá ma rekunde ri ndunblua ele,
ta ajutao jilo ri memoria mi
ka nuro sueto a tré chito nboso ñejo,
reso ta nduendá luengue ele
ri changaína ku kala jarocho.
I aplendeba kusa ri ma mututú,
I a sogtá ma yumulunga ri mutú
I a ten alegría ku e suto ngande ke a taí epejuelo kombilesa mi.
Noné pu noné a ta kaí aí matete ri ma dilanga.
A sutá mi mbuembé flende epejo.
Pelingo begá I a miná reso epejuelo ri iyaiyá
Pirindo orikí ochá ri martutú ñejo
I mboso ri oriki kuandi e ke gogbé
Ma kando bullerenguiá I Kelé kuandi I lungá*

Susurros del mundo paralelo

Los turbantes de la abuela que visten mi cabeza,
recogen los torbellinos de su palabra,
se ajustan al hilo de mi pensamiento,
cada nudo desatado trae el susurro de su vieja voz,
sus oraciones amansan la lengua
de mujeres de rostros alegres.
Aprendí el secreto de los turbantes,
suelto los nudos de ese pañuelo sagrado

y me extasío en el pavor que baila en los ojos de mis amigas.
Una a una cae en el pozo de los tormentos.
Me asusta la sombra frente al espejo.
siete veces vi la oración en los ojos de la abuela
reclama el ritual sagrado del turbante antiguo
y la voz del bullerengue al tiempo de su retorno
un canto bullerengero cuando muera quiero yo

Baile das chamas

Caem as mãos rudes sobre os tambores
rompendo a escuridão da noite
as arandelas de popeline brancas
imitam o vaivém vermelho das velas
os pés das cumbiamberas² se inquietam com o salto das maracas
com o golpe dos tambores
o baile das chamas convida ao êxtase
incita às outras paixões
cai a noite, caem as arandelas, caem as velas
mas não cessa o salto das maracas
nem o golpe dos tambores
nem o baile das chamas que aquece o corpo das cumbiamberas

2 cumbiamberas: pessoas que dançam ao ritmo da "cumbia", música típica da Colômbia.

oriki ri kandelá

*mano ta kaí ondi batá
a ta lupé okurana ri luchingá
ku trapo guarumá
asina memo ni baiben olojó ri ejpegma
ma pie ri yomboera a ta ngongoniá ku rikitrá ri maraka
ku purremplemplem ri batá
oriki ri kandelá ta ñamá bangasunga
a ta ñamá sunguiá
luchingá ta kaí, trapo ta kaí, ejpegma ta kaí
rikitrá ri maraka ta kaí nu
purremplemplem ri batá ta kaí nu
orikí ri kandelá ke ta kalendá kuepo ri yamboera ta kaí nu*

Baile de las llamas

Caen las manos rudas sobre los tambores
rompiendo la oscuridad de la noche
las arandelas de popelina blanca
imitan el vaivén rojo de las velas
los pies de las cumbiamberas se inquietan con el salto de las maracas
con el golpe de tambores
el baile de las llamas invita al éxtasis
incita a las otras pasiones
cae la noche, caen las arandelas, caen las velas
pero no cesa el salto de las maracas
ni el golpe de los tambores
ni el baile de las llamas que calienta el cuerpo de las cumbiamberas

Pregões de cores tranquilas

Você chegou ao solo *barranquillero*³
saudosa de tecer suas tranças com pérolas douradas
hoje, o arenoso reafirma seus passos,
reinventa suas pegadas,
e se identifica com suas cestas inchadas de fruta fresca;
o destino a banhou na brisa, sal e areia
com seus pregões de cores tranquilas
veio preña a esperança,
o débil brilho de seu olhar cinza
fustiga as recordações armazenadas no baú da memória
a chuva amarela exala o cheiro de coco velho
que proclamam seus quadris agitados
a porta dourada a abrigou no aroma do tamarindo,
na saia colorida e no carnaval sem fim,
carnaval dos avós
seu nariz, sua boca, seus pés e suas mãos perdidos em seus próprios cabelos
perseguem as pegadas da mãe África
essa África que teima em chorar seus filhotes:
samito o que yeyé, samito o que ke
essa África que soa no tambor dos seus passos:
tumbara, tumbara, timbamba, cheche
nanaikó, kasinaya, timba ke timbara timbambé
essa África que passeia pela vida dos seus defuntos:
chi ma nkongo, chi ma loango, chi ma ri luango ri angola
Essa África que estremece de sonhos fúnebres quando canta
o pássaro da morte:
mailo mi a ta kotao, sim senhor
esperando que chegue a benção
ku tatá, ku moná, sibalunga ocha, asina jue!

3 barranquillero: pessoa natural de Barranquilla, cidade colombiana.

Guapiriao ri losendo kieto

Ané a miní a tiela ri guarumako
Kelendo binda mutú sí
ku yumulunga maruyí.
Agúé, balankía a ten ri bo ueyé,
I ta miná balai ku freko tapangolé,
Nbila a nda bo nblisa, sa ku tiela
Ku losendo kieto bilanté
A miní peransa penené
Luso ñengue ri epejuelo kandiló,ngasuso
Tan pegá kolao, ke tutú mi a ta gualao,
Apú maruyí
a ten oló ni koko ñejo
Ke ta saí ri kueppo sí,
Pueta anuriyó
ku joló ri tamarindo
a ta gualá bo
Aí ma chepa ri olojó.
oriki no se kabá
E jarana ri iayaiyá.
naliso, nboso, pie ku mano ke a taí,
a pelé en kabeo sí.
Tra ueye ri tiela ngande
E tiela ta guapiriá
a to ané, to ma moná
samito lo ke yeyé, samito lo keee
e tiela ngande ke ten jarana
ai batá ri ma pisá:
tímbara, túmbara, timbambá, cheché
nanaikó, kasinayá, timba ke timbara timbambé
e tiela ngande po to lao
pa ndá nbila ri lungao
chi ma nkongo, chi ma loango, chi ma ri luango ri angola
E tiela ngande e rekundé,
kuandi kajambá kandá pesé
mailo mi a ta kotao, asina jué
ele a ta eperá malunga ku ashé
¡ku tatá, ku moná, sibalunga ocha, asina jue

Pregones de colores tranquilos

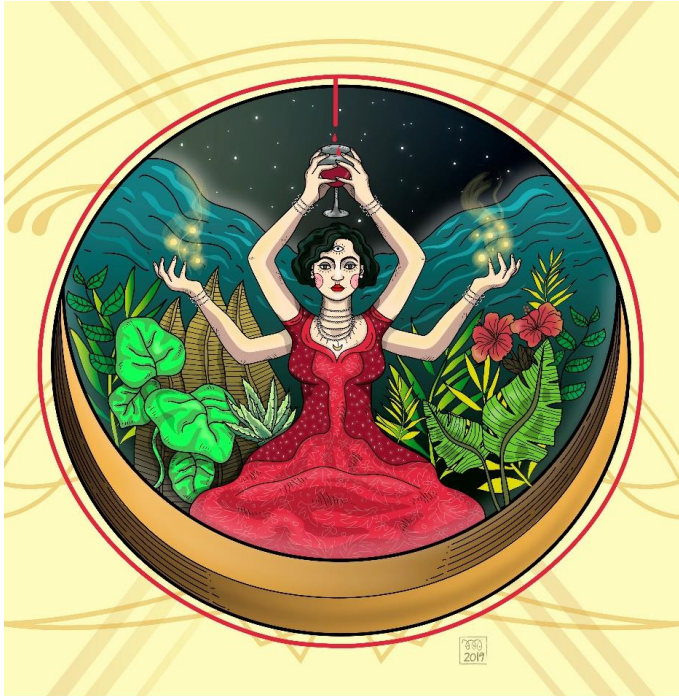
Llegaste a suelo barranquillero
anhelando tejer tus trenzas con perlas doradas
hoy, la arenosa reafirma tus pasos,
reinventa tus huellas,
y se identifica en tus canastos henchados de fruta fresca;
el destino te bañó de brisa, sal y arena
con tus pregones de colores tranquilos
vino preñada la esperanza,
el débil brillo de tu mirada gris
fustiga los recuerdos almacenados en el baúl de la memoria
la lluvia amarilla desprende el olor a coco rancio
que proclaman tus bulliciosas caderas
la puerta de oro te albergó en el aroma del tamarindo,
en la pollera colorá y en el interminable carnaval,
el carnaval de los abuelos
tu nariz, tu boca, tus pies y tus manos extraviadas en tus propios cabellos
persiguen las huellas de la madre África
esa África que insiste en llorar a sus polluelos:
samito lo ke yeyé, samito lo ke
esa África que suena en el tambor de tus pasos:
tímbara, túmbara, timbambá, cheché
nanaikó, kasinayá, timba ke timbara timbambé
esa África que se pasea por la vida de sus difuntos:
chi ma nkongo, chi ma loango, chi ma ri luango ri angola
Esa África que se estremece con sueños fúnebres cuando canta
el pájaro de la muerte:
mailo mi a ta kotao, si señor
esperando que llegue la bendición
¡ku tatá, ku moná, sibalunga ocha, asina jue!



Mirian Díaz Pérez nasceu em um dos palenques urbanos mais populares da cidade de Barranquilla: El Bajo Valle. É poetisa da tradição oral, etnoeducadora, consultora de alto nível das comunidades negras; escreve em espanhol e na língua palenquera num trabalho investigativo, sensibilizador e educativo através de aulas, conferências, apresentações e publicações para a salvaguarda do tesouro linguístico desta língua crioula. É formada em Pedagogia; especialista em Gestão Social; especialista em Gestão Pública; especialista em Estudos Pedagógicos; Mestre em Educação com ênfase em cognição; Doutora em Ciências da Educação com tese laureada em menção para publicação; professora do IED San José e da Universidad del Atlántico. Certificado em Estudos Afro-Latino-Americanos pela Harvard University; autor das obras *Tejiendo palabras con libertad (Binda ndunblua ku bindanga)* Coleção Luis Carlos López, Volume IV. Editoras Santa Bárbara; coautora da coletânea de poemas *Mi lengua vive*, Editorial Tagico, 2019. Seus trabalhos constam das antologias *Indigenous message on water*, de Londres, Ontário, Canadá; e na antologia *Relatos para adolescentes*, entre outros. Participou de importantes eventos culturais e acadêmicos. Seu trabalho foi reconhecido por meios como *El Tiempo*, *El Herald*, *El Espectador*, *La Libertad*, as revistas *Ébano*, *Voces del Patrimonio*, por entidades como a Prefeitura de Barranquilla e a Asamblea del Atlántico. Recentemente obteve o prêmio “Batata” da Instituição Paulino Salgado, único centro etnoeducativo piloto do distrito de Barranquilla. É diretora da obra poética investigativa “Voces ancestrales” (editora tagico) composta por 12 mulheres negras.



Mirian Díaz Pérez nació en uno de los palenques urbanos más populares de la ciudad de Barranquilla: El Bajo Valle. Es poeta de la tradición oral, etnoeducadora, Consultiva de Alto Nivel para las comunidades negras; escribe en español y en lengua palenquera en un trabajo investigativo, sensibilizador y educativo a través de clases, conferencias, ponencias y publicaciones para la salvaguarda del tesoro lingüístico de esta lengua criolla. Es licenciada en Educación; especialista en Gestión Social; especialista en Gestión Pública; especialista en Estudios Pedagógicos; magistra en Educación con énfasis en cognición; doctora en Ciencias de la Educación con tesis laureada en mención para publicación; docente en la IED SanJosé y en la Universidad del Atlántico. Certificada en Estudios afrolatinoamericanos por la universidad de Harvard; autora de los trabajos *Tejiendo palabras con libertad (Binda ndunblua ku bindanga)* colección Luis Carlos López, Tomo IV. Santa Bárbara editores; coautora del poemario *Mi lengua vive*, Editorial Tagico, 2019. Trabajos suyos aparecen recogidos en las antologías *Indigenous message on water*, de London, Ontario, Canadá; y en la antología *Relatos para adolescentes*, entre otras. Ha participado en importantes eventos culturales y académicos. Su trabajo ha sido reconocido por medios como *El Tiempo*, *El Heraldo*, *El Espectador*, *La Libertad*, las revistas *Ébano*, *Voces del Patrimonio*, por entidades como la Alcaldía de Barranquilla y la Asamblea del Atlántico. Obtuvo recientemente el premio “Batata” por parte de la Institución Paulino Salgado, único centro etnoeducativo piloto del distrito de Barranquilla. Es directora del trabajo poético investigativo “Voces ancestrales” (editorial tagigo) integrado por 12 mujeres negras.



Sikán Keita

Núbia

Sou Ala Ani
Sou Asase Yaa
Asase Efúá
sou Abuk
– primeira fêmea –
Allpa Mama
A Terra.

Sou mulher e negra
minha vulva é o alimento
dos colibris;
no meu umbigo
nasceu Iroko
para proteger os homens.

De meus seios
suaves como as nuvens
brota Kerepakupai Vená:
o anjo que salta do lugar mais profundo.

Sou Ixchel
sou Ísis
Nuque Mapu
Virgem Negra silenciada
desprezada pelos insensatos.

Meu ventre arde em ouro e diamantes
e a vida me alcança
por mais cinco bilhões de anos
quando a areia dos ossos humanos
for fertilizante de nova semente
plantada pelo Orixá Oko.

Da raiz dos meus sonhos
ressurgirão sacerdotisas antigas
renascerá o menino-homem
e em ritmo universal
cantarão meu nome
sob a lua cheia.

Nubia

Soy Ala Ani
soy Asase Yaa
Asase Efúa
soy Abuk
– primera fémina –
Allpa Mama
La Tierra.

Soy mujer y negra
mi vulva es el alimento
de los colibríes;
en mi ombligo
ha nacido Iroko
para proteger a los hombres.

De mis pechos
suaves como las nubes
brota Kerepakupai Vená:
el ángel que salta del lugar más profundo.

Soy Ixchel
soy Isis
Ñuque Mapu
Virgen Negra silenciada
despreciada por los insensatos.

Mi vientre arde en oro y diamantes
y la vida me alcanza
para otros cinco mil millones de años
cuando la arena de los huesos humanos
sea abono de nueva semilla
sembrada por Orisha Oko.

De la raíz de mis sueños
resurgirán sacerdotisas antiguas
renacerá el niñohombre
y en ritmo universal
cantarán mi nombre
bajo la luna llena.

Acisclo¹ secreto

*Em memória do meu avô,
José Acisclo Cruz Aguilar*

Um menino,
parido na profundidade do monte
à luz das velas.

Um jovem,
abridor de caminhos
sob a lua nova

Um homem,
embarcado em sua canoa
remando durante três dias
no rio San Juan.

Um velho,
sabe do monte e de seus segredos
sabe da vela e seus incêndios
conhece os caminhos
conta histórias
e esculpe sua própria canoa.

Um avô,
semeador de milho, banana e inhame
sabe de peixes e inundações
se oculta na borda do remo
serenamente intui
como perdurar na memória
mais além da morte.

¹ Acisclo: nome de família.

Acisclo secreto

*A la memoria de mi abuelo,
José Acisclo Cruz Aguilar*

Un niño,
parido en la profundidad del monte
a la luz de las velas.

Un joven,
abridor de caminos
bajo la luna nueva.

Un hombre,
embarcado en su canoa
remando durante tres días
sobre el río San Juan.

Un viejo,
sabe del monte y sus secretos
sabe de la vela y sus incendios
conoce los caminos
cuenta historias
y esculpe su propia canoa.

Un abuelo,
sembrador de maíz, plátano y ñame
sabe de peces e inundaciones
se oculta en el filo del canaleta
serenamente intuye
cómo perdurar en la memoria
más allá de la muerte.

Tríptico da mãe

Primeira composição

*Wá o' mi ó dára. Ò dára wá o' mi***

Sob a lua nova
do vinte e seis de setembro
nasceram seus olhos de terra.

Uma panela com três gramas de ouro
um potro detido na margem
uma enxada e um facão
eram seus brinquedos.

O casario
afundado no meio do monte
a via correr descalça
até a margem do rio.

Outras vezes
era o rio
nervoso e agitado
que subia para visitá-la.

Então
todo o Sipí² se submergia em peixes
e a colheita
se convertia em chucula³
para alimentar os pássaros.

2 Sipí: rio localizado em Chocó, Colômbia.

3 chucula: bebida tradicional à base de banana ou macaxeira (aipim), usada como alimento para bebês e crianças.

Remando
sua figura jovem
cruzou o San Juan
desde Noanamá
até Negria.

Mais tarde
seu remo já roncava
e você me deu um pai negro
que garimpava ouro em Itsmina.

Maria Ramona.

Nove meses submersa
no oceano de seu ventre
– umbilicada a seu batimento materno –
me ensinaram tudo
o que eu preciso saber sobre a água.

*Wá o' mi o dára. Ô dára wá o' mi***

**Venha a água é boa/bonita.
É boa / bonita vem a água
(canto iorubá para Yemanjá)

Segunda composição

*"El amor es un pájaro rebelde,
que nadie puede enjaular,
y es vano llamarlo,
si él prefiere rehusarse"*

(Carmen, ópera dramática)

Carmen
Habanera⁴
um coro de tocororos⁵
canta seu nome
nas madrugadas
enquanto
a espuma do mar
se faz bruma no ar.

Um coro de ceibas⁶
ocultas no mato
guarda sua memória

Orunmilá predestinou
cada um dos signos
que tecem sua figura.

Ópera prima da poesia.

É a fonte de Gênesis
sua filha Amor é um pássaro rebelde
e os ibejis⁷ são dois anjos negros
custodiando sua entrada.

4 Habanera: gênero musical de Havana, Cuba.

5 tocororo: tipo de pássaro.

6 ceiba: tipo de árvore.

7 Ibejis (ibeyis): na mitologia iorubá, os ibejis são os orixás gêmeos idênticos, homem e mulher: Taewo e Kainde, filhos de Xangô e Oxum. São os protetores dos gêmeos e representam a dualidade.

Há uma dezena de anos
voei até sua ilha
me recebeu em seu peito
me banhou em sua tina
bebi da taça da sua mãe
dormi ao seu lado
e sonhei com os orixás.

Caminhei de mãos dadas
pelo Passeio do Prado
me embriagou a lua vermelha
explodindo em pleno calçadão
um bongô, uma guitarra
e a voz de Davi
um querubim ingrato.

Sentados
sob a sombra
do baobá
os homens
a invocam
aflitos;
você é quem escolhe
cigana núbria do vale.

Há uma dezena de séculos
as mesas de Orunmilá
traçaram nosso encontro:
Mãe Oxum eu a chamo

Yèyé, òyá meu Olódò. Yèyé, òyá meu Olódò
*Yèyé, òyá meu Olódò. Yèyé, òyá meu Olódò***

E lembre-se de lavar as mãos
e dobrar suas sete saias
antes de ir dormir.

**Mãe, minha mãe é dona do rio

Terceira composição

*Àgò Iná; àgò lónà
Oya dé ire o. Oya dé***

Os quatro ventos de Oyá
balançam o pólen
da rosa vermelha à rosa branca.

Assim sua palavra germina
nas assembleias
onde o povo negro se congrega
para trançar a última das deliberações

Matriarca do Níger
seu punho erguido
é a tuna⁸ espinhosa que floresce
no Vale do Chota.

Ophéleia
(Aquele que protege)
é seu nome.

Você dança
garrafa erguida em sua cabeça
e uma tocha em sua mão
enquanto a Banda Mocha
faz cantar as folhas de laranjeira.

8 tuna: tipo de fruta.

Em Cochita Amorosa⁹
é você quem acende as velas
estende os mantos
santifica as ervas
e acolhe os espíritos tutelares.

Jekua Jey Yansa!

Para honrá-la
agitarei as sementes do flamboyant
lhe oferecerei nove lenços
de todas as cores.

Obrigada
por me sustentar na tormenta
por me embalar em sua casa
por encher meus pulmões
com o ar de sua luta.

Ofediosa¹⁰ Guerreira
sua doçura derrama
sobre o território
como água dócil
preparando-nos
rumo ao Renascimento Negro.

**** Abram passagem para o fogo, abram passagem no caminho
Oyá chega com bênçãos, Oyá chega.**

9 Cochita Amorosa: para a população negra do Equador, a "Cochita Amorosa" é uma prática comunitária que consiste em sentar ao redor do fogo para compartilhar histórias contos, lendas e aprendizagens.

10 Ofediosa: neologismo "Ofelia" + "diosa" (deusa).

Tríptico de la madre

Primera composición

*Wá o' mi ó dára. Ò dára wá o' mi***

Bajo la luna nueva
del veintiséis de septiembre
nacieron tus ojos tierra.

Una batea con tres gramos de oro
un potrillo detenido en la orilla
un azadón y un machete
eran tus juguetes.

El caserío
hundido en la mitad del monte
te veía correr descalza
hasta la orilla del río.

Otras veces
era el río
nervioso y agitado
quien subía a visitarte.

Entonces
todo Sipí se sumergía en peces
y la cosecha
se convertía en chucula
para alimentar a los pájaros.

Bogando
tu joven figura
cruzó el San Juan
desde Noanamá
hasta Negría.

Más tarde
tu canaleta ya roncaba
y me diste un padre negro
que lavaba oro en Itsmina.

María Ramona.

Nueve meses sumergida
en el océano de tu vientre
– ombligada a tu latido materno –
me han enseñado todo
lo que necesito saber sobre el agua.

*Wá o' mi ó dára. Ò dára wá o' mi***

**Venga al agua es buena / bonita.
Es buena / bonita viene al agua
(canto yoruba a Yemayá)

Segunda composición

*"El amor es un pájaro rebelde,
que nadie puede enjaular,
y es vano llamarlo,
si él prefiere rehusarse"*

(Carmen, ópera dramática)

Carmen
Habanera
un coro de tocororos
cantan tu nombre
en las madrugadas
mientras
la espuma del mar
se hace bruma en el aire.

Un coro de ceibas
ocultas en la manigua
guardan tu memoria.

Orúla predestinó
cada uno de los signos
que tejen tu figura.

Ópera prima de la poesía.

Eres la fuente de Génesis
tu hija Amor es un pájaro rebelde
y los ibeyis son dos ángeles negros
custodiando tu entrada.

Hace una decena de años
volé hasta tu isla
me recibiste en tu pecho
me bañaste en tu tina

bebí de la taza de tu madre
dormí a tu lado
y soñé con los orichas.

Caminé de tu mano
por el Paseo del Prado
me emborrachó la luna roja
estallando en pleno malecón
un bongó, una guitarra
y la voz de David
un querubín ingrato.

Sentados
bajo la sombra
del baobab
los hombres
te invocan
afligidos;
tú eres la que elige
gitana nubia del valle.

Hace una decena de siglos
las tablas de Orula
trazaron nuestro encuentro:
Madre Ochún te llamo

Yèyé, ìyá mi Olódò. Yèyé, ìyá mi Olódò
Yèyé, ìyá mi Olódò. Yèyé, ìyá mi Olódò**

Y recuerda lavarte las manos
y doblar tus siete sayas
antes de irte a dormir.

**Madre, mi Madre es dueña del río

Tercera composición

*Àgò Iná; àgò lónà
Oya dé ire o. Oya dé***

Los cuatro vientos de Oyá
balancean el polen
de la rosa roja hacia la rosa blanca.
Así tu palabra germina
en las asambleas
donde el pueblo negro se congrega
para trenzar la última de las liberaciones.
Matriarca del Níger
tu puño erguido
es la tuna que florece
en el Valle del Chota.
Ophéleia
(Aquella que protege)
es tu nombre.
Tú danzas
botella erguida en tu cabeza
y una antorcha en tu mano
mientras la Banda Mocha
hace cantar a las hojas de naranjo.
En Cochita Amorosa
eres tú la que enciende las velas
extiende los mantos
santigua las yerbas
y acoge a los espíritus tutelares.
¡Jekua Jey Yansá!

Para honrarte
agitaré las semillas del flamboyán
te ofrendaré nueve pañuelos
de todos los colores.

Gracias
por sostenerme en la tormenta
por acunarme en tu casa
por henchir mis pulmones
con el aire de tu lucha.

Ofediosa Guerrera
tu dulzura se derrama
sobre el territorio
como agua dócil
preparándonos
rumbo al Renacimiento Negro.

**Abran paso al fuego, abran paso en el camino
Oyá llega con bendiciones, Oyá llega.



Sikan Keita (1987) tem ascendência chocoana, seus pais e avós são de origem camponesa. Licenciada em Línguas Modernas pela Universidad de Caldas. Mestre em *Estudios de la Cultura*, com especialização em *Artes y Estudios Visuales* pela Universidad Andina Simón Bolívar, campus Ecuador. Gestora cultural. Participou do *Festival Internacional de Poesía de Manizales* (2010), do *Festival Internacional de Poesía de La Habana* (Cuba, 2011), do *Festival de Tambores y Expresiones Culturales* de San Basilio de Palenque (Cartagena, 2011), entre outros. Seus poemas foram publicados em diferentes antologias e revistas literárias, entre elas: *Revista Juegos Florales*, publicação do Ministério da Cultura da cidade de Manizales (2009), *Colección Cosechas de Poesía* do Festival Internacional de Poesía de Manizales (2010), *Revista Euphorion* da Asociación de Investigaciones Filosóficas (2011), *Poca tinta Antología de ciberpoesía* (2012). Atualmente atua como pesquisadora na área de educação, cultura política e afrodescendência. Participou do estudo *Educación, negritud y nación: políticas de inclusión educativa para afrodescendientes en Ecuador* (2020). Pertence ao coletivo *Afroyoga Colombia* e ao Laboratorio de mujeres negras poetas *Cimarroneando el Verbo*. É colunista da *Revista Afroféminas*.



Sikán Keïta (1987) es de ascendencia chocona, sus padres y abuelos son de origen campesino. Licenciada en Lenguas Modernas de la Universidad de Caldas. Magíster en Estudios de la Cultura, con especialización en Artes y Estudios Visuales de la Universidad Andina Simón Bolívar, sede Ecuador. Gestora cultural. Ha participado en el Festival Internacional de Poesía de Manizales (2010), el Festival Internacional de Poesía de La Habana (Cuba, 2011), el Festival de Tambores y Expresiones Culturales de San Basilio de Palenque (Cartagena, 2011), entre otros. Sus poemas han sido publicados en distintas antologías y revistas literarias, entre ellas: *Revista Juegos Florales*, publicación de la Secretaría de Cultura de la ciudad de Manizales (2009), *Colección Cosechas de Poesía* del Festival Internacional de Poesía de Manizales (2010), *Revista Euphorion* de la Asociación de Investigaciones Filosóficas (2011), *Poca tinta Antología de ciberpoesía* (2012). Actualmente se desempeña como investigadora en el ámbito de la educación, la cultura política y la afrodescendencia. Participó en el estudio *Educación, negritud y nación: políticas de inclusión educativa para afrodescendientes en Ecuador* (2020). Pertenece al colectivo Afroyoga Colombia y al Laboratorio de mujeres negras poetas *Cimarroneando el Verbo*. Es columnista en la *Revista Afroféminas*.

SOBRE CAMILA MATILDA GONZÁLEZ



Camila Matilda González, @matildas.arte, é ilustradora e artista colombiana. Grande parte de seu trabalho é focada no poder feminino, na magia e nas emoções. Desde 2011, criou sua própria marca, que combina ilustração digital e analógica, pinturas a óleo sobre tela, criação de objetos tecidos e bordados, potes pintados à mão e logotipos corporativos. Atualmente vive em Barcelona, Espanha.

<https://www.instagram.com/matildas.arte/?hl=es>

<https://www.facebook.com/MatildasDesignCo/>

E-mail: matildas.arte@gmail.com

SOBRE CAMILA MATILDA GONZÁLEZ



Camila Matilda González, @matildas.arte es ilustradora y artista colombiana. Gran parte de su obra está enfocada en el poder femenino, la magia y las emociones. Desde el 2011 creó su propia marca, que combina la ilustración digital y análoga, pinturas al óleo sobre lienzos, creación de objetos tejidos y bordados, macetas pintadas a mano y logos corporativos. Actualmente está radicada en Barcelona - España.
<https://www.instagram.com/matildas.arte/?hl=es>
<https://www.facebook.com/MatildasDesignCo/>
Correo electrónico: matildas.arte@gmail.com

SOBRE CHRISTINA RAMALHO



Christina Ramalho nasceu no Rio de Janeiro (1964) e vive em Aracaju, Sergipe, desde 2012. É Doutora em Letras (UFRJ, 2004, CNPq) e professora do Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe. Autora, tradutora e organizadora de 38 livros, de teoria e crítica literária, além de poesia, crônica e contos. Membro da Academia Gloriense de Letras (SE) e da Academia Cabo-Verdiana de Letras. Livros de poemas: *Musa Carmesim* (1998), *Laço e nó* (2000), *fi de teNsão* (2018), *Lição de voar* (2019), *Poemas mínimos* (2019), *Ponteiros de papel* (2020), *Aguas de papel* (Argentina, 2021) y *Sessenta minutos* (2021). Alguns deles disponíveis em e-book em: www.ramalhochris.com. Organizou, com Caridad Atencio, a antologia bilingue *Sem mordança*, que reúne poemas de poetisas cubanas e brasileiras sobre violência de gênero. Organizou, com Araceli Otamendi, a antologia *Cama de gato*, que reúne poemas de poetisas argentinas/as e brasileiros/as com temática social. Traduziu e ilustrou a obra *Um mundo feio*, do escritor boliviano Homero Carvalho (Aracaju: criação Editora, 2023).

SOBRE CHRISTINA RAMALHO



Christina Ramalho nació en Rio de Janeiro (1964) y vive en Aracaju, Sergipe desde 2012. Es Doctora en Letras (UFRJ, 2004, CNPq) y profesora del Curso de Letras de la Universidade Federal de Sergipe. Autora, traductora y organizadora de 38 libros, de teoría y crítica literaria, además de poesía, crónica y cuento. Miembro de la Academia Gloriense de Letras (SE) y de la Academia Caboverdiana de Letras. Poemarios: *Musa Carmesim* (1998), *Laço e nó* (2000), *fio de teNsão* (2018), *Lição de voar* (2019), *Poemas mínimos* (2019), *Ponteiros de papel* (2020), *Agujas de papel* (Argentina, 2021) y *Sessenta minutos* (2021). Algunos de ellos disponibles en e-book en: www.ramalhochris.com. Organizó, con Caridad Atencio, la antología bilingüe *Sin mordaza*, que reúne poemas de poetisas cubanas y brasileñas acerca de la violencia de género. Organizó, con Araceli Otamendi, la antología *Cama de gato*, que reúne poemas de poetisas argentinas/as y brasilenõs/as con temáticas sociales. Tradujo e ilustró la obra *Um mundo feo*, del escritor boliviano Homero Carvalho (*Um mundo feio*. Aracaju: Criação Editora, 2023).

